



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ROZELI COSTA SILVA

**MÃOS QUE FALAM, FIOS QUE EDUCAM: HISTÓRIA E MEMÓRIA DA
CULTURA DA RENDA DE BILRO EM ILHA GRANDE DO PIAUÍ**

FORTALEZA

2024

ROZELI COSTA SILVA

**MÃOS QUE FALAM, FIOS QUE EDUCAM: HISTÓRIA E MEMÓRIA DA
CULTURA DA RENDA DE BILRO EM ILHA GRANDE DO PIAUÍ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação. Área de concentração: Educação.

Orientador: Dr. Luís Távora Furtado

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S1m SILVA, ROZELI COSTA.
MÃOS QUE FALAM, FIOS QUE EDUCAM : HISTÓRIA E MEMÓRIA DA CULTURA DA RENDA DE BILRO EM ILHA GRANDE DO PIAUÍ / ROZELI COSTA SILVA. – 2024.
94 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2024.
Orientação: Prof. Dr. Luís Távora Furtado.
1. Educação; História; Memória; Renda de bilro. I. Título.

CDD 370

**MÃOS QUE FALAM, FIOS QUE EDUCAM: HISTÓRIA E MEMÓRIA DA
CULTURA DA RENDA DE BILRO EM ILHA GRANDE DO PIAUÍ**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro.

Aprovada em: 31/07/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro.
(Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dr^ª. Francisca Maurilene do Carmo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dr. José Antônio Gabriel Neto
Universidade Estadual do Ceará (UECE-MAIE)

A Deus por mais uma realização. Aos meus pais, esposo, filha, familiares e amigos pelo apoio e incentivo ao longo dessa jornada. Ao meu professor, Luís Távora pela excelente orientação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Ceará, pela oportunidade ofertada da realização do mestrado por meio do Programa de Pós-Graduação em Educação.

Expresso minha gratidão aos docentes e funcionários da referida instituição, os quais me acompanharam ao longo desse percurso acadêmico.

Agradeço aos professores examinadores José Antônio Gabriel e à professora Francisca Maurilene, que sugeriram adequações necessárias ao trabalho.

Gostaria de estender meus agradecimentos especiais ao meu orientador Luís Távora... obrigada por sempre estar disposto a me ajudar, por compartilhar conhecimento, por sua compreensão e empatia durante o processo de construção da dissertação.

Minha eterna gratidão a Deus pelas oportunidades concedidas, por nunca me desamparar, por ser o refúgio e a força nos momentos de fragilidade e dificuldade.

Sou profundamente grata aos meus pais Francisco e Maria do Socorro, que são meu alicerce. Oferto sinceros agradecimentos ao meu esposo, Enoc, pelo apoio, companheirismo e a presença constante, me fazendo acreditar nos meus sonhos.

Gratidão a minha filha, Ana Sofia, que representa nessa caminhada da vida a energia diária que me motiva ir em busca da realização dos meus objetivos pessoais, acadêmicos e profissionais. Grata aos meus irmãos Daniel, David e Jozely pelas expressões de coragem e força. Estendo meus agradecimentos a minha vó pelo carinho e atenção.

Agradeço também ao professor José Marcelo por me fazer perceber que é fundamental alimentar sonhos possíveis... obrigada pelo incentivo no início dessa trajetória acadêmica.

Meus agradecimentos aos colegas Gabriel e Diana Nara, que sempre se colocaram à disposição para compartilhar experiências e informações.

Gostaria de externar minha gratidão as mulheres rendeiras de Ilha grande - PI, ribeirinhas, conterrâneas que foram importantes colaboradoras para realização deste estudo.

O nosso artesanato é rico e de grande valor. Temos a renda de bilros... até para a Europa já se exportou.

João Batista Gomes

RESUMO

Esta pesquisa tratará dos aspectos da história e memória das mulheres artesãs de Ilha Grande-PI, no que tange à cultura de renda de bilro como prática educativa intergeracional, transmitida através da tradição oral. A partir do objeto em questão, que consiste em saber de que forma a história e a memória das mulheres rendeiras se traduzem em saberes e fazeres a partir de uma prática educativa vivenciada fora do contexto escolar, o referido trabalho propõe um estudo voltado para a análise do cotidiano dessas mulheres, destacando a relevância dos seus saberes e fazeres, que podem ser conhecidos pela memória dessas artesãs. Dessa forma, o percurso da construção desse trabalho estará pautado na pesquisa de cunho histórico, com metodologia de pesquisa de história oral de vida ou pesquisa de história oral temática e recorrerá a técnica de entrevista aberta para levantamentos de dados que possam auxiliar na elucidação das seguintes indagações: De que forma acontece a troca de experiências da renda de bilro? Como os conhecimentos compartilhados se traduzem em educação e cultura? Que aspectos da história da cultura da renda de bilro podem ser conhecidos a partir das memórias das rendeiras? De qual maneira o saber-fazer renda de bilro se consolida como identidade e expressão cultural em Ilha Grande-PI? Este trabalho apresenta no primeiro capítulo uma abordagem sobre história e memória cultural, em seguida versa no que diz respeito à educação e processo em movimento de prática educativa, também sinaliza a distinção entre a educação formal, informal e não formal, e mais adiante, no terceiro capítulo trata da ação da rendeira ilhagrandense na constituição de uma identidade cultural. Alguns estudiosos foram evocados para dialogar no decorrer da fundamentação teórica como Maihy e Holanda (2010), Halbwach (1990) Gomes (2004) e Gohn (2010) dentre outros autores fundamentais na construção do conhecimento no âmbito científico.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; História; Memória; Renda de bilro.

ABSTRACT

This research will deal with aspects of the history and memory of women artisans from Ilha Grande-PI, regarding the culture of bobbin lace as an intergenerational educational practice, transmitted through oral tradition. Based on the object in question, which consists of knowing how the history and memory of women lacemakers are translated into knowledge and actions based on an educational practice experienced outside the school context, this work proposes a study aimed at the analysis of these women's daily lives highlighting the relevance of their knowledge and practices, which can be known through the memory of these artisans. Thus, the construction of this work will be based on historical research, with an oral life history research methodology or thematic oral history research and will use the open interview technique to collect data that can assist in elucidating the following inquiries: How does the exchange of bobbin lace experiences happen? How does shared knowledge translate into education and culture? What aspects of the history of bobbin lace culture can be known from the memories of the lacemakers? How is bobbin lace know-how consolidated as an identity and cultural expression in Ilha Grande-PI? This work presents in the first chapter an approach to history and cultural memory, then it deals with education and the moving process of educational practice, it also highlights the distinction between formal, informal and non-formal education, and later, in the The third chapter deals with the action of the Ilhagrandense lacemaker in establishing a cultural identity. Some scholars were invited to dialogue during the theoretical foundation, such as Maihy and Holanda (2010), Halbwach (1990) Gomes (2004) and Gohn (2010) among other fundamental authors in the construction of knowledge in the scientific field.

KEYWORDS: Education; History; Memory; Bobbin lace.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem alusiva à primeira moradora (Mariana) da localidade denominada Morros da Mariana.....	23
Figura 2 - Os bilros: instrumentos manuseados pelas rendeiras para a feitura das rendas.....	43
Figura 3 - Almofada utilizada pelas rendeiras de Ilha Grande do Piauí-PI.....	45
Figura 4 - Os alfinetes como instrumento de perfuração do molde	47
Figura 5 - O cavalete seve como apoio da almofada.....	48
Figura 6 - Fio utilizado para fazer a renda de bilros.....	52
Figura 7 - Fachada da Casa das Rendeiras, localizada na cidade de Ilha Grande do Piauí-PI.	56
Figura 8 - Vista da parte interna da Casa das Rendeiras	57
Figura 9 - Rendeiras em seu ofício, movimentando os bilros e alfinetes.....	59
Figura 10 - Resultado dos trabalhos das rendeiras de Ilha Grande do Piauí	61
Figura 11 - Sra. Maria José Costa: rendeira da cidade de Ilha Grande-PI	68
Figura 12 - Rendeiras de Ilha Grande do Piauí exercendo suas atividades artesanais	75

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Identidade das rendeiras participantes.....	65
--------------------------------------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	OBJETIVOS	17
2.1	Objetivo geral	17
2.2	Objetivos específicos	17
3	METODOLOGIA	18
3.1	A pesquisa de campo	19
3.2	Instrumentos de coleta de dados	21
4	ILHA GRANDE-PI: PARAÍSO DE RIQUEZA NATURAL E CULTURAL NO DELTA DO RIO PARNAÍBA	22
4.1	História e memória: diálogo teórico e delineamento conceitual	26
4.2	História oral: breve histórico e definições	29
4.3	Memória: interações conceituais	31
4.4	Prática histórica cultural das mulheres rendeiras de Ilha Grande do Piauí	33
4.5	A renda de bilro como forma de educação em movimento de prática educativa	34
4.6	Educação formal	36
4.7	Educação não formal	37
4.8	Educação informal	37
4.9	A cultura da renda de bilro como prática educativa	38
4.10	O ensino e aprendizagem da renda de bilro	40
4.11	A renda de bilro e seus instrumentos de trabalho e de aprendizagem	42
5	A AÇÃO DAS RENDEIRAS NA CONSTITUIÇÃO DE UMA IDENTIDADE CULTURAL	51
5.1	A casa das rendeiras de Ilha Grande do Piauí	55
5.2	A tradição viva do artesanato da renda de bilros	57
6	RESULTADOS E DISCUSSÕES	63
7	CONSIDERAÇÕES COMPLEMENTARES	85
	REFERÊNCIAS	92
	APÊNDICES	93

1 INTRODUÇÃO

A educação é um processo complexo e abrangente, que compreende aspectos sociais, culturais e históricos. Educar é um ato contínuo, caracterizado por ações de fazer, ser, ensinar e aprender, não necessariamente dentro da escola e nem sempre por meio de um currículo, um professor ou instituição educativa formal.

Portanto, esse processo organizado permite o desenvolvimento integral do sujeito histórico e esse, por sua vez, é capaz de manifestar condições de autotransformação no contexto social. A educação pode ocorrer dentro de diversos contextos e situações, há aprendizados que acontecem dentro de um espaço formal para o ensino, bem como há produção de conhecimento em ambientes que não se encaixam nos sistemas tradicionais de ensino.

É possível aprender e ensinar não apenas na escola, mas em outros grupos e contextos, isto é, em casa, na igreja, na rua, nos ambientes de interação com pessoas e objetos (BRANDÃO, 2003). Isso acontece porque fazemos e sabemos coisas, logo, o homem pode educar e ser educado por meio de saberes e fazeres do dia a dia. A partir desse entendimento é oportuno afirmar que o ato de educar pode ser produzido e manifestado por meio da educação formal, educação informal e educação não formal. Para Gohn (2006, p. 28):

A educação formal é aquela desenvolvida em instituições escolares com conteúdo previamente estabelecidos, já a educação informal é entendida como à que se desenvolve a partir do processo de socialização, seja na família, no bairro, no clube, nos passeios, com os amigos e dentre outras situações do dia a dia, esta relação é carregada de valores e a cultura própria, de pertencimento e sentimentos herdados; a educação não formal pode ser compreendida por aquele que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas do cotidiano”.

Existem diversas formas de cultura que se configuram como determinado tipo de educação (BRANDÃO, 2003), dentre elas o ofício da renda de bilro – uma prática intergeracional que se caracteriza como um fazer educativo. Este trabalho sinaliza ao longo da pesquisa que o ensino que desenvolve o saber –fazer das mulheres rendeiras nos Morros da Mariana, trata de um estudo no âmbito do contexto da educação não formal, tendo como foco a história e memória da cultura da renda de bilro das artesãs de Ilha Grande - PI.

A Associação das Mulheres Renderias, de Ilha Grande/PI que está, há décadas,

organizada como intuito de unir forças na produção artesanal de renda de bilros é um espaço de ações coletivas onde as pessoas compartilham experiências. Dessa forma, as rendeiras mantêm a perpetuação de seu conhecimento por meio do saber/fazer. O interesse pela temática surgiu a partir da necessidade de conhecer com mais aprofundamento a importância da renda de bilros como identidade de um povo que transmite saberes.

Eis que a escolha da temática estudada mantém uma estreita relação com o cotidiano da pesquisadora e, ribeirinha, que cresceu no povoado Morros da Mariana e este lugar foi palco de experiências, valores compartilhados ao longo da vida com seus familiares, amigos e vizinhos. As vivências de seus pais, de certa forma, marcaram e direcionaram o rumo da jornada na qual pretendia seguir. Portanto, seus responsáveis exerceram papel expressivo para tomada de cada decisão que ela fez no decorrer do seu projeto de vida pessoal e profissional.

Homem humilde e batalhador, seu pai, aprendeu lições de vida e desde menino se dedicou ao ofício da pesca e ao cultivo de arroz em terras terceirizadas no Camarço, o que favoreceu o entrelaçar das raízes e relações entre os familiares e amigos em Morros da Mariana. Sua mãe, filha de agricultora e rendeira, formou-se em nível médio na escola Normal, exerceu por longos anos, a função de professora, e para complementar o orçamento familiar dedicava parte de seu dia à produção da renda de bilros, ficava horas esquecidas na frente da almofada, construída com retalhos de rede, a tecer fios para produzir peças de renda, já encomendadas ou que posteriormente eram postas à venda.

Entre fios e memória a história das renderias é contada e recontada, por meio de relatos. As artesãs recobram-se que durante a confecção dos objetos essenciais para a produção da renda, os encontros se tornavam momentos de entrosamento com familiares e amigos, desde a confecção da almofada, das talas desenhadas nos papelões e mesmo na produção das peças de renda era comum a troca de conhecimentos. Os fins das tardes eram marcados pela reunião de mulheres nos alpendres do terraço sentadas com suas almofadas trocando os bilros de um lado ao outro, e nesse saber-fazer do dia a dia, elas sempre compartilharam experiências.

Em Ilha Grande-PI, o aprendizado tecido na interação social não se resume, apenas, às trocas de bilros que resultam em um produto final, mas abarcam os saberes populares e envolve os aspectos culturais que se configuram em elemento da identidade de seu povo.

O conhecimento transmitido de geração em geração carrega memórias e vivências, que se transforma em aprendizagem e se perpetua evidenciando as interações entre filha e mãe, netas e avós, tias e sobrinhas, amigas e vizinhas.

A magia de tecer renda é uma atividade que representa não apenas o incremento para o sustento familiar, mas também terapia, trocas de experiências, fortalecimento de vínculos coletivo. Além disso, se caracteriza como um trabalho artesanal em que os aspectos subjetivos e a criatividade das rendeiras desencadeiam adaptações sem perder o foco dos traços da tradição, dessa forma agrega valores e mantém vivas características culturais locais de um povo.

Nesta cidade ribeirinha, onde é a porta de entrada para o Delta do rio Parnaíba e este por sua vez é um espetáculo à parte ofertado pela natureza, tem um grupo de mulheres que se dedicam diariamente a produção de peças como blusas, vestidos, bolsas, brincos, toalhas e centro de mesas dentre outros produtos confeccionados a partir da renda de bilros, ao mesmo tempo que produzem e compartilham experiências e consolidam a identidade cultural de um determinado grupo de pessoas.

O companheirismo, a interação, o engajamento, a criatividade e sobretudo a determinação das mulheres rendeiras em manter viva a cultura da renda de bilros por meio do saber-fazer, é um dos pontos que gera motivação e desejo pela busca de conhecer cada vez mais sobre a história e memória das artesãs ilhagrandenses.

As vivências marcam história de vida e se transformam em memórias que podem ser relatadas e compartilhadas. Atitudes e decisões despertam curiosidades e desejos por saberes do dia a dia, dessa forma as admirações e aspirações partem de olhares curioso e atento aos afazeres de mães, avós, tias e familiares que ao longo da vida se dedicam aos afazeres da casa, a obrigações fora do contexto familiar e, ainda assim, encontram tempo para se dedicar à produção da renda de bilro.

Essa atividade carrega um significado ímpar, pois marca o caminhar de muitas mulheres ribeirinhas por estar entrelaçada com vivências, com momentos compartilhados no ambiente de intensa troca de experiências, carregado de valores, de sabedoria popular enraizado na cultura deste pequeno lugar.

Diante do exposto, propõe-se um estudo voltado para a análise do cotidiano dessas mulheres destacando a relevância dos seus saberes e fazeres, que podem ser conhecidos pela memória dessas artesãs. A história das mulheres rendeiras está intimamente atrelada com a vida dos moradores dessa comunidade, isto porque esse conhecimento é construído e transmitidos pelas mãos de avós que passam para netas, de mães que ensinam suas filhas e, dessa forma, a arte de tecer fios por meios de bilros se constitui um bem imaterial que representa, não apenas uma prática que resulta no produto material para comercialização, mas sobretudo, se torna a identidade cultural de um povo. Para Gomes (2004, p. 219):

A memória e história através de relato de intimidade cotidiana. Encontro de subjetividades e de tempos. De um lado, a memória se representa cristalizada na narrativa passada. De outro, a história atualiza e expande seus significados, produzindo um sentido que por esta além do limite do relato traduz conhecimento.

Neste sentido, este trabalho traz como proposta a seguinte análise: De que forma a história e a memória das mulheres rendeiras se traduzem em saberes e fazeres a partir de uma prática educativa vivenciada fora do contexto escolar?

A tratativa sobre a temática em questão levanta o seguinte questionamento: De que forma acontece a troca de experiências da renda de bilro; Como os conhecimentos compartilhadas se traduzem em educação e cultura? Que aspectos da história da cultura da renda de bilros podem ser conhecidos a partir das memórias das rendeiras? De qual maneira o saber-fazer renda de bilros se consolida como identidade e expressão cultural em Ilha Grande-PI?

Considerando a problemática do trabalho em pauta, em síntese o intuito é a interpretação da história e memória das mulheres rendeiras a partir do entendimento sobre como seus saberes e fazeres se traduzem em uma prática educativa vivenciada fora do contexto escolar?

O interesse pelo tema história e memória das mulheres associadas à Casa das Rendeiras na cidade de Ilha Grande-PI, surgiu pautado por diversas motivações dentre as quais estão a importância da interpretação de uma memória coletiva que compõe um patrimônio dentro do Delta do Rio Parnaíba, além de preservar a memória e a contribuição dessas artesãs para a cultura ilhagrandese.

Para que se pudesse esclarecer todas essas questões fez necessário traçar objetivos preestabelecidos, sendo divididos em Objetivo Geral e Objetivos específicos, os quais estarão sendo delineados no tópico a seguir.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Interpretar aspectos da história e memória das mulheres artesãs de Ilha Grande-PI, no que tange à cultura de renda de bilro como prática educativa intergeracional.

2.2 Objetivos específicos

Analisar de que forma acontece o ensino e a aprendizagem da renda de bilro em Ilha Grande do Piauí;

Verificar como as experiências compartilhadas das rendeiras se traduzem em educação e cultura intergeracional;

Identificar que aspectos da história da cultura da renda bilros podem ser conhecidos a partir das rendeiras ilhagrandenses.

3 METODOLOGIA

Desde as mais antigas civilizações o homem busca o interesse pelo conhecimento. Investigar e descobrir o porquê das coisas fez com que ele elencasse métodos específicos que pudesse responder as suas indagações. Assim, por meio da pesquisa o homem, nos dias atuais, colhe os frutos da sua sapiência, quando evoluiu cientificamente, investigando, descobrindo, inventando, e realizando feitos tecnológicos que facilitam o dia a dia das pessoas e melhora a qualidade de vida das populações em todo o mundo.

É por meio da pesquisa que se pode notar em todas as instâncias do cotidiano da sociedade moderna e globalizada, a presença maciça dos resultados obtidos. Para Brandelli (2007), sem a pesquisa, muitas das tecnologias inovadoras e as grandes descobertas e invenções da humanidade não existiriam.

A metodologia da pesquisa possibilita a utilização de métodos e técnicas inerentes ao processo de investigação científica, para que se possa obter resultados satisfatórios, no sentido de alcançar os objetivos propostos para a resolução das questões norteadoras da investigação. “É a atividade científica pela qual descobriremos a realidade” (MICHAEL, 2005, p. 31).

Pode-se compreender a metodologia da pesquisa como a prática dos conjuntos de métodos de investigação usados por um pesquisador, para que se possa desenvolver o estudo de determinado objeto, caracterizando-se como uma investigação disciplinada, seguindo regras formais dos escolhidos procedimentos, para que se possam adquirir informações que levem ao levantamento de hipóteses que darão suporte para que o pesquisador consiga fazer uma análise eficaz.

Sobre a temática, Prodanov e Freitas (2013, p. 14), afirmam que “[...] a metodologia é compreendida como uma disciplina que consiste em estudar, compreender e avaliar os vários métodos disponíveis para a realização de uma pesquisa acadêmica.” Nessa perspectiva, faz-se necessário que o pesquisador esteja apto a realizar abordagens investigativas e utilize os recursos necessários para a construção da pesquisa científica.

Assim, o tipo de pesquisa a ser utilizado durante a produção científica, depende dos objetivos a serem alcançados pelo estudo. Para que o pesquisador possa identificar os assuntos que irão compor o embasamento teórico da produção científica a ser elaborada, deverá estar apto a buscar ferramentas investigativas que possibilitem fomentar, de forma dinâmica, uma gama variada de assuntos pertinentes ao tema a ser investigado. Nesse estudo, optou-se pela pesquisa de campo.

Quanto à finalidade, trata-se de um estudo descritivo que, de acordo com Gil (2010), objetiva principalmente descrever as características de populações específicas ou fenômenos a serem investigados, utilizando-se técnicas padronizadas na coleta de dados, tais como questionários ou observação sistemática.

Além disso, é também um estudo exploratório que, de acordo com a Lakatos e Marconi (2012), os estudos exploratórios buscam respostas para o problema da pesquisa e proporcionam uma maior familiaridade com o ambiente, com o fato ou fenômeno, além de modificar ou revelar os conceitos.

A pesquisa na ótica da história da educação exerce uma função primordial se considerando seu potencial formativo. O estudo da história tem a capacidade desenvolver uma melhor compreensão da humanidade em diversos contextos e situações, uma vez que, esta é uma forma de olhar e pensar os estudos organizacionais, individuais, social e político contextualizando cada situação ao seu momento histórico para que não haja comprometimento na análise dos fenômenos.

Este trabalho foi desenvolvido a partir dos aspectos da pesquisa histórica, considerando a abordagem qualitativa, terá como caminho metodológico a história oral com enfoque na pesquisa oral de vida e pesquisa oral temática, a técnica utilizada para levantamento de dados será a entrevista aberta que permitirá aos colaboradores condições de expor suas narrativas com liberdade de expressar suas subjetividades.

Por fim, esta pesquisa, no que se refere à abordagem, é classificada como qualitativa e quantitativa. Qualitativa porque o pesquisador tem por objetivo buscar informações acerca de fenômenos e grandezas de interesse social, bem como aprofundar-se nas questões referentes às determinadas ações de pessoas, grupos ou organizações, dentro do contexto ambiental e social em que estão inseridos, sob a ótica destes próprios sujeitos, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito (GUERRA, 2014).

3.1 A pesquisa de campo

A pesquisa de campo traduz-se como uma forma de se observar determinados fenômenos e as suas ocorrências durante a coleta de informações, as quais deverão ser analisadas e interpretadas, em conformidade com a realidade social de uma população específica, promovendo-se, dessa forma, a discussão dos resultados obtidos na pesquisa (FUZZI, 2010). Já para Delgado (2010, p. 15):

A pesquisa de campo é o momento em que o pesquisador interage com os respondentes, por meio de instrumentos e técnicas definidas, no sentido de absorver conhecimentos específicos sobre a temática e, dessa forma, conseguir o embasamento suficiente para adotar os procedimentos acerca da análise dos dados.

Em conformidade com Andrade (2010, p. 114-115) a pesquisa de campo “[...] assim é denominada porque a coleta de dados é efetuada ‘em campo’, onde ocorrem espontaneamente os fenômenos, uma vez que não há interferência do pesquisador sobre eles”. É a partir dos dados coletados, por meio da pesquisa de campo, que o pesquisador obtém embasamento necessário para examinar, categorizar e organizar os dados para que possa, efetivamente de forma coerente, proceder a construção dos resultados da pesquisa.

Em consonância com Pereira (2013) a discussão é a parte do estudo que aglomera os comentários sobre a opinião dos participantes, onde o pesquisador compara os seus estudos com outros resultados e emite a sua opinião sobre o que está sendo construído cientificamente. Assim, o pesquisador deverá demonstrar com clareza os dados obtidos e fornecer subsídios para que outros pesquisadores da temática abordada, possa aglutinar valores e discorrer sobre a temática com maior clareza e objetividade.

Assim, a pesquisa de campo é uma fase que é realizada após o estudo bibliográfico, para que o pesquisador tenha um bom conhecimento sobre o assunto, pois “[...] é nesta etapa que ele vai definir todos os pormenores e os objetivos da pesquisa, as hipóteses, definir qual é o meio de coleta de dados, tamanho da amostra e como os dados serão tabulados e analisados” (MARCONI & LAKATOS, 2012).

Durante a realização da pesquisa de campo, a interação entre os participantes enfatiza um fator complexo com relação à neutralidade da pesquisa. Nesse sentido questiona-se sobre a imparcialidade do pesquisador durante o processo investigativo. A não interferência do pesquisador durante o processo de construção do conhecimento, necessariamente é preciso que o mesmo saiba diferenciar as suas posições com relação à ciência e aos seus interesses sociais, econômicos e políticos (CESARINO, 2011).

Assim, pode-se entender que para a amostragem referente a aplicação da pesquisa de campo, necessariamente o pesquisador deve adotar critérios e diretrizes para que seja realizada a absorção dos conteúdos, no sentido de maximizar ou delimitar a construção dos resultados.

A coleta de dados traduz como o importante estágio em que a pesquisa de campo propriamente dita se desenvolve. É o momento em que o pesquisador interage com os respondentes, no intuito de coletar o maior número de informações possíveis, acerca da temática

elencada, para que a pesquisa tenha um delineamento consubstanciado e, dessa forma, possibilite uma criteriosa análise de dados.

3.2 Instrumentos de coleta de dados

Como instrumento de pesquisa foi utilizado um questionário semiestruturado, contendo dez perguntas abertas, destinados às participantes da pesquisa (Mulheres rendeiras da Associação das Rendeiras de Ilha Grande-PI), onde as mesmas tiveram toda a liberdade de opinar, sem a interferência do pesquisador, por meio de um gravador de voz. Essa ferramenta de pesquisa foi elencada por se tratar de uma forma mais dinâmica e rápida para a captação de respostas mais longas e variadas, possibilitando um discernimento mais preciso sobre as questões enfocadas.

Na literatura de Fachin pode-se encontrar ensinamentos acerca da temática, quando o mesmo discorre que o questionário “[...] é um modelo ou documento em que há uma série de questões, cujas respostas devem ser preenchidas pessoalmente pelos informantes” (FACHIN, 2003, p. 156).

Aqui também se adotou a metodologia de história oral, tendo-se em vista que as participantes fomentaram duas respostas oralmente, declinando suas falas mediante a gravação das vozes por meio de um aplicativo de celular que gravou as vozes das participantes.

Nesse contexto, refere-se à uma metodologia que, de acordo com a literatura de (ALBERTI, 2015, p. 18), constitui-se em um “método de pesquisa que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo”

A presente pesquisa foi delineada mediante à elaboração prévia de dez questões, direcionadas à quatro mulheres rendeiras da cidade de Ilha Grande do Piauí. Após a conclusão da gravação obtida por meio do celular, todas as respostas foram transcritas de acordo como foram proferidas pelas rendeiras participantes e, só após um prévio entendimento dos resultados, foram apostas de acordo com a veracidade do que foi apurado na pesquisa.

A pesquisa foi delineada mediante a participação das rendeiras de bilros que laboram na Casa das Rendeiras, localizadas na cidade de Ilha Grande do Piauí. O capítulo a seguir traz importantes enfoques sobre a cidade de Ilha Grande, bem como suas riquezas naturais, sua cultura, enfocando acerca do paraíso natural denominado Delta do Rio Parnaíba, onde a mesma está inserida.

4 ILHA GRANDE-PI: PARAÍSO DE RIQUEZA NATURAL E CULTURAL NO DELTA DO RIO PARNAÍBA

Ilha Grande do Piauí é uma cidade litorânea, situada ao norte do estado, localizada aproximadamente à 340 km da capital Teresina, com população estimada em 9 274 habitantes, dado este obtido no último censo realizado pelo Instituto Brasileiro Geografia Estatístico - IBGE (2022).

A pequena cidade é a porta de entrada para o Delta do Parnaíba, o único a desaguar em mar aberto das Américas, situada na Ilha de Santa Isabel, uma das dezenas ilhas do Delta do Parnaíba. Antes de sua emancipação política em 1994 esse território pertencia à Parnaíba, outrora Vila de São João da Parnaíba, esta, por sua vez, desde seus primórdios foi um polo de desenvolvimento muito importante para o Piauí.

A localização privilegiada da então vila São João da Parnaíba, rodeada por rios, ilhas e oceano Atlântico potencializou o processo de desenvolvimento econômico e demográfico dessa região, tal situação favorecia o escoamento de produtos como cera de Carnaúba, charqueadas dentre outros produtos. Esse fator muito contribuiu para sólida relação comercial com o exterior, e dessa forma, se tornou ponto atrativo de negociação com vários países. O Porto das Barcas era ponto de embarque e desembarques de pessoas e mercadorias exportadas e importadas de diversos países.

O processo de povoamento das cidades ao norte do Piauí, não destoa da colonização que ocorreu no Brasil. Com a chegada de estrangeiros, os nativos Tremembé que já habitavam no litoral piauiense passaram a representar a força de trabalho disponível aos primeiros donatários dessa região. Por não aceitarem a condição de dominação, os índios, migravam para outras áreas e assim, reagiam contra os portugueses.

Diante dessa situação os donatários passaram a recorrer à mão de obra escrava, portanto, observa-se que a ocupação territorial dessa região não difere do que ocorreu em âmbito nacional. Por volta do século XVI portugueses, ingleses dentre outros europeus adentraram nas terras piauienses ocupando espaço dos povos originários.

Dessa forma, culturas distintas foram se disseminando e formando uma região detentora de um rico patrimônio cultural, com destaque para as artes de pesca artesanal e a renda de bilro, presentes na Ilha desde a colonização portuguesa, consideradas uma das mais antigas e ricas manifestações de arte em linha, a renda e a rede de pesca permanecem presente no dia a dia dos cidadãos ilhagrandenses.

No processo de colonização do Piauí, as famílias portuguesas contribuíram para o

crescimento comercial dessa região. E com a chegada dos escravos negros que se dedicavam a trabalhos de campo, de ofício e domésticos a mão de obra escrava era absorvida na produção de carne charqueada com sal, cultivo de algodão, do fumo e do arroz e na extração da carnaúba. Nesse sentido, em Parnaíba, o português Domingo Dias desempenhou papel importante para a economia local com instalação de fazendas de gado para a produção e exportação de carne charqueada.

Figura 1 - Imagem alusiva à primeira moradora (Mariana) da localidade denominada Morros da Mariana-PI



Fonte: Acervo da autora

A diversidade cultural de Ilha Grande- PI, faz parte da herança construída na formação da vila são João da Parnaíba que, durante o processo de povoamento, reuniu várias tradições, especialmente dos povos originários, dos portugueses e dos negros. E nesse sentido surge a produção da renda de bilros que por muitos moradores é apontada como um conhecimento trazido e compartilhado pelos europeus, não é estranho notar no dia a dia dos cidadãos ilhagrandenses expressões culturais das três matrizes anteriormente mencionadas, a conjugação delas representam a crença, as experiências e os costumes intrínsecos na formação desse povo.

As vivências deixam marcas que atravessam gerações, por volta de 1962 o povoado conhecido como Coroa Grande ou Coroa do Igarauçu recebe uma de suas primeiras moradoras, dona Mariana Alexandra Viana, viúva e mãe de seis filhos estabeleceu sua moradia no areal próximo dos morros e nas proximidades do Rio Tatus, um dos braços do rio Parnaíba, aos poucos a localidade foi ficando povoada e em homenagem a primeira moradora, o povoado passou ser chamado de Morros da Mariana.

Por muito tempo Morros da Mariana esteve anexada ao território de outro município, portanto os aspectos históricos e econômicos da atual Ilha Grande do Piauí têm estreita ligação com o desenvolvimento de Parnaíba-PI. Na década de 1990 após várias reivindicações não atendidas, a população por meio de um plebiscito disse sim a independência política de Ilha Grande- PI, o Governador do Estado Antônio de Almeida Freitas Neto mediante a Lei Nº 4.680 de 26 de janeiro de 1994, elevou à categoria de cidade o povoado Morros da Mariana e com a emancipação política este deixa de ser um território parnaibano e passa a ser um dos municípios do Piauí.

Apresenta em sua topografia relevo formado por planícies costeiras, dunas fixas e móveis. Tem vegetação tipicamente litorânea, manchas de transição de cerrado, caatinga e palmeiras. Devido a posição geográfica entre os trópicos de câncer e capricórnio e próximo a linha do equador, o clima predominante no município é o tropical típico com elevadas temperaturas ao longo do ano, e com alternância nas estações, inverno seco e verão quente e chuvoso.

Essa região, cercada por rios, lagos e vegetação litorânea, apresenta vasta riquezas naturais, dentre as quais está o Delta do rio Parnaíba, com 2.700 km², único em mar aberto, formado por dezenas de ilhas, em destaque estão a do Igarauçu, a do Caju, a das Canárias e a maior dentre elas a Ilha Grande de Santa Isabel, é justamente dentro dessa área que fica localizada a cidade de Ilha Grande –PI.

Para melhor administrar e agregar regiões com similaridade considerando os aspectos e características ambientais, relações socioeconômicas, culturais e o governador com o objetivo

de minimizar as desigualdades apresentadas nas macrorregiões estabeleceu em 2007, para fins de planejamento governamental, a regionalização do Piauí em território de desenvolvimento. Ilha Grande- PI, Cajueiro da Praia, Luís Correia, Parnaíba e mais outras sete cidades situadas ao norte do estado fazem parte do território Planície Litorânea.

Apesar de sua pequena extensão territorial há uma considerável riqueza ofertada pela natureza, a fauna e a flora desse lugar são ricas, com floretas de restingas e mangues. Além da diversidade em peixes, encontra-se também caranguejos-uçá, camarões, e um grande número de pássaros. Em 1996 foi criada a Área de Proteção Ambiental do Delta do Parnaíba, abarca áreas litorâneas piauienses da cidade de Ilha Grande-PI, Parnaíba, Cajueiro da Praia e Luís Correia e abrange também todo o litoral dos estados do Ceará e Maranhão.

A unidade federal de conservação ambiental é uma importante zona costeira que tem o intuito de proteger a mata aluvial e os recursos hídricos, bem como, incentivar o turismo ecológico e sensibilizar a população local e visitantes sobre a exploração autossustentável.

A economia da população ilhagrandense está pautada no setor de serviço, parte significativa dos cidadãos tem como fonte de renda o funcionalismo público, outra parcela tira seu sustento do setor primário por meio da pesca artesanal, cata de caranguejo e marisco, a produção de peças de renda de bilros também tem sua parcela de contribuição no orçamento familiar, o turismo é um dos ramos que tem crescido e se firmado nesse cenário, com procura ao longo de todo o ano pelo passeio ao Delta do Parnaíba-PI, os pequenos e microempreendedores tem investido nessa área gerando vagas de empregos para a função de barqueiros, condutores de visitantes, taxistas e dentre outros.

As riquezas naturais e culturais contribuem bastante para o desenvolvimento econômico da cidade. Os pontos turísticos como o Delta do Parnaíba - PI, a casa das rendeiras, a recente construção do mirante no porto dos Tatus, os lençóis piauienses são comumente frequentados pelos turistas nacionais e estrangeiros.

Algumas festas tradicionais também cooperam na economia, a exemplo do tradicional Festival do caranguejo que ocorre no mês de novembro e aquece a economia local, na ocasião os pequenos empreendedores do município dispõem de seus serviços e produtos como artesanatos e comidas típicas, dessa forma geram renda e criam oportunidades de apresentar aos visitantes suas potencialidades.

Ilha grande - PI não possui uma vasta extensão territorial, porém a pequena cidade é repleta de manifestações culturais. As danças, as músicas, as estórias, os ensinamentos formais e informais se constituem parte integrante do imaginário ilhagrandense. Portanto, conviver e compartilhar conhecimento de forma intergeracional é de fundamental relevância pois mantém

firme a identidade de um povo, a exemplo da troca de experiências das mulheres rendeiras, das pastorinhas que se apresentam em um grupo de mulheres no período da festa do reisado elas batem porta a porta dançando e cantando cantigas dentre as quais “coração de pedra” quando os moradores da casa escolhida pelo o grupo não abrem a porta para recepciona-las.

A lenda tem como personagem a Conceição neta de dona Mariana que mantém viva a estória do início do então povoado Morros da Mariana e da igreja de nossa senhora da Conceição. A dança do boi e a festa junina com apresentações de quadrilhas também são presentes nas manifestações culturais em Ilha Grande –PI. Os compartilhamentos desses diversos saberes reafirmam a importância da tradição que cristalizam a história e a memória dos antepassados.

4.1 História e memória: diálogo teórico e delineamento conceitual

O discurso em torno da história, conhecida por vários anos como história clássica, por muito tempo desempenhou papel central e único nos estudos historiográficos. Somente a partir do século XX, por meio do movimento surgido na França, conhecido como *Escola dos Annales*, e de forma mais precisa com os estudos de Marc Bloch e Lucien Febvre, se deu abertura para uma renovação nos métodos de se escrever e pensar sobre História, a partir de então surgiu a Nova História Cultural (BURKE, 1992).

A expressão “Nova história” bem mais conhecida na França como *La Nouvelle histoire*, do Francês Jacques Le Goff é o título de uma coleção de ensaios associadas a *École dos Analles*. Diante do exposto cabe mencionar que a “Nova história” tem assumido uma posição que vai de encontro ao paradigma tradicional, enquanto esta descreve e exalta o enredo elitista, a outra propõe uma análise no sentido de tornar notório a visão do senso comum.

Segundo Chartier (*apud* BARROS, 2005, p. 126), “a história cultural deve ser entendida no sentido de designar toda a historiografia que se tem voltado para o estudo de dimensão cultural de uma determinada sociedade historicamente localizada”. Ao longo da história da humanidade muito se discute sobre as diversas manifestações de conhecimento, o homem vai deixando sua marca a partir da interação com o meio, e em convívio com os demais seres humanos.

Assim, eles se relacionam e compartilham experiências em locais ditos de ensino tradicional e não formais. Ao longo da história da humanidade muito se discute sobre as diversas manifestações de conhecimento, o homem vai deixando sua marca a partir da interação com o meio, e em convívio com os demais seres humanos.

Burke (1992), afirma que a expressão “nova história” tem sua própria história, pois retrata a história total. E sendo assim, é inegável que nos dois paradigmas se encontre conflitos, pois ambos são de natureza e interesse diverso, enquanto no tradicional os pesquisadores transitam em território já conhecido, no mais recente os estudiosos avançam a partir do improvável.

É a partir desse momento que se abre espaço para tratar da atividade humana como construção histórica, desse modo as práticas desenvolvidas por grupos de pessoas podem ser concebidas como história vivida e nela se encontra aspectos subjetivos perceptíveis a partir da interação e interpretação de cada indivíduo com seu meio social.

Esse novo paradigma proporcionou discussões sobre temas nunca antes debatidos, pois assuntos relacionados com o cotidiano das pessoas comuns, como os fazeres e saberes do dia a dia, antes, jamais considerados para estudos dentro da historiografia oficial. Outra contribuição importante dentro da história cultural é a abordagem sobre memória coletiva, herdada pelo estudioso francês conhecido como Maurice Halbwachs, que em seus escritos defendeu que a memória é a interação do sujeito coletivo, e assim ele define que a memória se dá a partir da relação que o indivíduo mantém com os grupos sociais com os quais interage.

Portanto, muito o que atribuímos como individual assume na verdade uma consciência coletiva. Destaca-se, então, que o conhecimento, os valores, as crenças dentre outras atribuições são fruto da interação do sujeito com o meio social em que vive. Como já dizia Halbwachs (1990, p.80-81), memória e história não se confundem, nesta há a compilação de fatos que ocuparam maior espaço na memória dos homens. Já a memória coletiva é uma corrente de pensamento contínuo já que retém do passado somente, aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém.

Dentro dessa discussão cabe, ainda, uma outra conceituação do mesmo estudioso que se refere, ainda, a distinção existente entre a memória e história, tanto uma quanto a outra lidam com lembranças do passado, porém a memória abrange o que ainda é significativo para determinado grupo social, portanto ela faz referência ao passado, mas, com uma forte carga emocional, e frequentemente desprovida do rigor crítico exigido pela história.

Para Le Goff (1990, p. 366), “o estudo da cultura social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente as quais a memória, está ora em retraimento, ora em transbordamento”. Esse pensamento puxa o diálogo da referência ao passado que também pode ser entendido como atividade de recordar, essa ação é na verdade o ato de recobrar a mente no momento presente a imagem de situações vivida no passado, não somente isso, mas também a reconstrução de uma vivencia partilhada.

Aqui trataremos, ainda, da história oral, que segundo Meihy e Holanda (2010), pode ser definido como recurso moderno inaugurado, principalmente, após a segunda guerra mundial com o advento do avanço da tecnologia. É um mecanismo usado para validar algumas experiências que não estão comumente registradas em documento escrito, traz uma outra mensagem que, quase sempre, faz menção ao subjetivo.

E, nesse contexto é oportuno destacar a importância do diálogo sobre a história e memórias das mulheres da casa das rendeiras, na cidade de Ilha Grande-PI, grupo é composto por diversas mulheres em faixa etária diferentes, que tem difundido os seus fazeres e saberes através do artesanato produzido ao longo de décadas.

Atualmente, seus produtos são conhecidos em escala internacional, os artigos exportados levam consigo não somente a qualidade da riqueza técnica desenvolvidas e aperfeiçoadas no decorrer do tempo, por mães e avós da geração atual, mas também simboliza a materialidade de uma cultura viva.

O bairro Morros da Mariana, onde a casa das rendeiras está localizada, é situado na cidade Ilha Grande -PI, que fica no extremo norte do estado do Piauí. Trata-se de uma cidade de pequeno porte com aproximadamente 9.487 habitantes, segundo o último censo realizado em 2021 pelo IBGE. Boa parte de sua população tem seus afazeres diário pautados no setor primário de onde tiram o sustento de suas famílias, seja, por meio da agricultura, pesca e artesanato.

E assim, o povo ilhagrاندense vai se constituindo, enquanto, sujeito que produz conhecimento e a partir de sua vivência imprimem sua identidade, e no decorrer do tempo, por meio da interação social se perpetuando seus valores e saberes, às vezes, com versões e roupagem que se adequa ao contexto histórico do momento. No entendimento de Gomes (2004, p. 190), os documentos produzidos com uma função social específica, são importantes testemunhos de modo de ser e agir do passado. Mas, a aparente objetividade do relato não deve matizar a sua capacidade de construir representações sobre práticas cotidianas.

Por isso, a subjetividade assume um papel revelador do universo de cultura viva, das mulheres renderias, que a partir da memória compartilhada por elas este trabalho tecerá discussões sobre a historicidade coletiva, que não se resume, apenas, numa análise isolada, individualizada, mas que leva em conta as impressões, emoções, enfim, o aspecto de abstração das pessoas.

A história oral, por meio de técnicas próprias para essa abordagem, facilita o processo de compreensão sobre a realidade dessas mulheres que se constituem rendeiras ao mesmo tempo que constroem sua própria identidade, a proposta de uma análise mais detalhada sobre a

interação entre elas pode evidenciar por meio de relatos a relação que há entre sua história de vida e as relações sociais que firmam a subjetividade, por meio de instrumentos adequados para o estudo dessa temática, as participantes da pesquisa poderão testemunhar a riqueza do conhecimento transmitidos por meio de suas vivências.

4.2 História oral: breve histórico e definições

Muitos são os teóricos que se debruçam em busca de conhecimentos sobre o surgimento da história oral. Em consonância com Thompson (2002, p. 89), a história oral “foi instituída em 1948, como uma técnica moderna de documentação histórica, quando Allan Nevins, historiador da Universidade de Colúmbia, começou a gravar as memórias de personalidades importantes da história norte-americana”.

Em meados do início do século XX, o sociólogo Maurice Halbwachs declinou afirmativas importantes acerca da memória individual e coletiva. Para ele, os fatores históricos individuais e coletivos estão intimamente interligados, quando existe a possibilidade de investigação na história de determinada população. Em conformidade com o autor:

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (HALBWACHS, 1990, p. 25).

Como se pode perceber, a história oral tem seus primórdios no século passado. No Brasil, a história oral surgiu como uma forma de metodologia em meados do século XX. De acordo com a literatura de Branco (2020, p. 1), tal metodologia de pesquisa “vem sendo utilizada em estudos científicos desde a década de 1970”.

A partir da segunda metade do século XX os estudos sobre memória se fortaleceram, principalmente para a disseminação de estudos e pesquisas sobre a temática. Nos dias atuais, a metodologia de pesquisa história oral está arraigada no seio acadêmico, como uma forma de se reconstruir o passado de um determinado evento. Nesses pressupostos, impende enfatizar que por meio, da memória individual ou coletiva podemos atribuir novos resinificados do passado, ou mesmo, contribuindo num coletivo maior para recuperar certos detalhes da história.

Dialogando-se com os teóricos que se debruçam em esmiuçar sobre o que vem a ser a história oral como metodologia de pesquisa, tem-se o posicionamento de Santi e Toillier (2020, p. 4) quando afirmam que seria “uma metodologia com a função de criar fontes

historiográficas, que pode ser explorada por diversos instrumentais analíticos e que permite estudos pautados, nos limites impostos pelas subjetividades”.

Já para Branco (2020, p. 9) a história oral seria uma metodologia de pesquisa que “se apoia em depoimentos e testemunhos orais, é aplicada, em pesquisas qualitativas, por meio da realização de entrevistas gravadas com pessoas que vivenciaram acontecimentos do passado e/ou do presente. As entrevistas gravadas, podem ser consideradas uma forma importante de dados, para que se possa compreender e obter respostas essenciais, dentro da realidade social de cada personagem histórico. Em consonância com Pesavento, 2014).

Construir um discurso sobre o passado, é um ir em encontro das questões de época. A história se faz como respostas e perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos. Ela é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e elaboram novos projetos para o presente e para o futuro, pelo que reinventam continuamente o passado (PESAVENTO, 2014 p. 59).

Destarte, perguntas e respostas são essencialmente necessárias para que se construa a historiografia de determinados eventos sociais, com a utilização meios específicos. Essas nuances serão construídas, a partir da aplicação das indagações de como são construídas as histórias e memórias das rendeiras de Ilha Grande.

Portelli (1997) depreende que, deve-se considerar a história oral quando é possível “mesurar os aspectos culturais, estruturais sociais e processos históricos” (p. 15). E ainda reitera que, se faz necessário o aprofundamento essencial, a partir de conversações com indivíduos, acerca da “experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto de campo ser importante para todas as ciências sociais, a História Oral é, por definição, impossível sem ele” (PORTELLI, 1997, p. 15).

Tratando-se de posicionamentos acerca da história oral, não é uníssono as afirmativas que se coadunam. Porém, Meihy e Holanda (2007) posicionam-se assertivamente, demonstrando que a “história oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas” (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 15). Vale à pena salientar que historicamente:

A História Oral corresponde a uma dimensão fundamental em processos e ações impulsionados pela História Pública, especialmente aqueles que se relacionam às temáticas associadas a grupos sistematicamente deixados à margem quando (des)classificados frente ao que foi, por muito

tempo, considerado digno de ser rememorado. Esse caminho é constantemente marcado pela visibilidade de grupos marginalizados, pela prática sem sala de aula, trazendo questões éticas a serem enfrentadas, colocando novos e importantes desafios ao campo da História (BORGES; ROLLO, p. 6).

Diante dessas assertivas, as rendeiras de bilros do Município de Ilha Grande-PI, estão enquadradas nesse patamar, dentro do seu contexto social. A história oral, foco desse estudo, se enquadra nesse consenso definitivo, admitindo-se as necessidades e possibilidades nos dias atuais, no sentido de que a história oral usa de um processo de registro e preservação de informação de uma fonte primária, tornando-a disponível ao público.

Entrando no cerne da questão da conceituação sobre a história oral, tem-se o posicionamento de Garnica, Fernandes e Silva (2011) quando inferem que a história oral pode ser entendida como uma forma metodológica de pesquisa, tendo como primordial função a criação de historiografias, por meio de fontes diversificadas, podendo ser pesquisada com a utilização de instrumentos analíticos, possibilitando variados estudos, por diversas vezes limitados por fatores subjetivos. Já para Meihy (2010, p. 64), “história oral é um processo de registro de experiências que se organizam em projetos que visam a formular um entendimento de determinada situação destacada pela vivência social”.

O que pode ser deduzido diante das assertivas já catalogadas nesse estudo, é que, grande parte dos teóricos enfatizam que a história oral se mostra uma metodologia de pesquisa, realizada por meio dos instrumentos específicos de entrevista, possibilitando mostrar a história de uma determinada população no tempo e no espaço.

4.3 Memória: interações conceituais

Como conceito relevante nos estudos desenvolvidos na área das ciências humanas, faz-se necessário a busca pelo entendimento de algumas considerações sobre o surgimento da memória, não é uma tarefa de fácil compreensão, mas o foco aqui é pontuar as interações conceituais existentes, ela está presente desde os primórdios da humanidade, quando o homem delineava seus primeiros passos rumo ao conhecimento das coisas que o cercavam.

Com o progresso da humanidade, através dos tempos, em todo o mundo, o passado sempre vem sendo lembrado pelas pessoas, estando, dessa forma, formalizada a memória no seio social da humanidade. Para Backes (2017, p. 60), a memória está ligada diretamente às funções psicológicas, biológicas e neurológicas, uma vez que conserva informações relevantes vividas no passado”.

Esse pensamento pode ser coadunado com Pozenato, Giron e Lebreton (2009), quando os autores inferem que a memória psicológica está intrinsecamente ligada aos fatores sociais e biológicos, sendo que a associação das ideias, de acordo com os fatos ocorridos no passado, propicia a fixação das lembranças no presente. Nessa mesma linha de raciocínio Backes (2017, p. 60) conclui afirmando que a memória é a lembrança, a recordação de experiências vividas em determinado espaço e tempo e que foram armazenadas, de forma inconsciente, em cada indivíduo.

Em conformidade com BURKE (2009), a memória se expandiu notadamente desde fim do século passado, tendo como principais características as comemorações históricas excessivas. Já para Garcia (2015):

A memória, como campo epistemológico, surge a partir da Sociologia, da Psicologia, e da Antropologia, e é a partir do auxílio destas que a História se apropria e também transforma a memória em um campo de conhecimento histórico (Garcia, 2015, p. 1.366).

Considerando o pensamento da autora, pode-se entender que a memória é fruto da junção de três importantes ciências que se fazem presentes no cotidiano da vida das pessoas. Nesse arcabouço, a memória traz para o presente a importância da preservação desses fatos, pois, de acordo com Garcia (2015, p. 1363), “falar sobre memória requer o diálogo perpétuo com os tempos; passado e presente caminham praticamente juntos”.

A memória, enquanto fonte histórica, está intrinsecamente arraigada no seio social de um determinado povo, podendo ser considerada uma manifestação consciente ou inconsciente, está ligada a fatos ou comportamentos ocorridos no passado, proporcionando a criação de uma identidade que busca a reprodução de comportamentos socioculturais (GILLI, 2020).

A partir desse entendimento, pode-se aferir que a memória individual e coletiva aponta as relações do passado que interagem com o presente e se remete a um cenário futuro. Essa ideia interage com a realidade das mulheres rendeiras de Ilha Grande do Piauí, elas impregnam por meio de seus ensinamentos a compreensão de uma memória que considera a dinâmica do comportamento narrativo e da percepção individual que se inter-relaciona ao entendimento da memória coletiva atrelada ao condicionante tempo.

Assim, de acordo com as palavras da autora, pode-se entender que as manifestações humanas, representativas do passado histórico, fazem parte da memória, de acordo com o comportamento social de uma determinada população, em uma determinada época.

Ao narrar as suas percepções individuais sobre a tradição cultural, as rendeiras expressam a grandeza de sua identidade enquanto cultura local e demonstram, por meio de

relatos e vestígios, que carregam consigo lembranças de vivências compartilhadas ao longo de décadas que se convertem em experiências e perpassam gerações por meio da memória coletiva cristalizada na história das artesãs desta cidade.

Existem diferenciações quando se busca a conceituação sobre memória e história, pois são grandezas dicotômicas, porém interligadas, formando um campo vasto para interpretações variadas. Segundo Ribeiro e Barbosa (2009, p. 237), enquanto a “memória é fundamental para indicar a presença do passado no presente, construindo laços culturais fundadores entre comunidade, indivíduos e grupos, a história é, antes de tudo, um saber universalmente reconhecido pela ciência”.

Diante do pensamento do autor, a memória pode ser entendida como uma importante ferramenta que propicia a recomposição dos acontecimentos vividos no passado, fazendo com que possam ser preservados no presente, para que sejam lembrados no futuro.

4.4 Prática histórica cultural das mulheres rendeiras de ilha grande do piauí

A palavra oral pode ter sido uma das mais antigas formas de denotação do passado, antes mesmo do desenho e da escrita (GOMES, 2004). Assim, busca-se o alargamento dos debates sobre memória e história das populações e suas intercorrências históricas, trazem novas leituras que possibilitam novas inteligibilidades sobre o passado (FERREIRA, 2002).

Nesses pressupostos, a história oral pode ser compreendida como um instrumento que se propõe ao dialogismo, acerca de fatos históricos ou de história de vida de pessoas de determinadas localidades, onde a memória está incutida no seio social daquela população, possibilitando que os envolvidos possam declinar suas aprendizagens e práticas cotidianas (MATOS; SENNA, 2011).

O cotidiano dos historiadores é marcado pela necessidade de reinstaurar o passado. Nesses pressupostos, como não vivenciou o processo histórico estudado, sua tarefa é procurar os fragmentos e, por meio destes construir afirmações possíveis. Nesse arcabouço, pode-se compreender que o uso da história oral, e das narrativas que dela se originam, estimulam a escrita de uma História que não é uma representação exata do que existiu, mas que propõe compreender a forma como o passado chega até o presente. De acordo com a literatura de Matos e Senna (2011, p. 5), “a fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia, pois o historiador, muitas vezes, necessita de documentos variados, não apenas os escritos.

A passividade de entendimento acerca da história oral, pode remeter o historiador a denotar e declinar métodos de pesquisa próprios de cada época, buscando as localidades como fontes de conhecimentos e saberes acerca da história e da memória de um povo. Em conformidade com a literatura de Alberti (2015, p. 155), “a história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita”.

O fato é que a oralidade é uma forma de expressão que traz incontáveis probabilidades de uma pesquisa mais abrangente, no sentido de enriquecimento de detalhes que, condicionalmente, possibilita o esmiuçar de determinada temática pesquisada. Para Portelli (1944), as fontes orais denotam as variedades de possibilidades de uma pesquisa, onde os participantes enriquecem os detalhes das experiências passadas, além de exprimirem o imaginário, os sonhos, as lembranças do tempo ido, as crenças, de uma forma simples e sem nenhuma pretensão social ou política.

Em consonância com Silveira (2007, p. 142), a história oral produz discursos orais, “que são narrativas de memória. Essas, por sua vez, são narrativas de identidade na medida em que o entrevistado não apenas mostra como ele vê a si mesmo e o mundo, mas também como ele é visto por outro sujeito e coletividade”.

As práticas históricas culturais, no decorrer do tempo, trazem à tona incontáveis discussões sobre a memória e a história de determinadas populações e suas principais atividades, proporcionando o conhecimento dos saberes e fazeres dos indivíduos ali instalados.

4.5 A renda de bilro como forma de educação em movimento de prática educativa

Educação pode ser compreendida como processo contínuo e permanente é uma ação realizada constantemente, que se evidencia a partir das interações que surgem desde o seio familiar até nos contatos juntos aos grupos sociais nos quais as pessoas estão de alguma forma inseridas.

A obra de Paulo Freire (2006, p. 61) intitulada *Pedagogia do Oprimido* afirma que “A educação como experiência especificamente humana é uma forma de intervenção no mundo” assim, o homem a partir de sua ação realiza intervenção que representa um ato de educar e, se traduz por meio da interações entre as pessoas no universo as quais estão inseridas, dessa forma, a partir da vivência e troca de experiências com o outro, se expressa a cultura de um povo as e particularidades de uma determinada identidade.

Nessa perspectiva educação não se limita as aprendizagens adquiridas apenas em âmbito escolar. Embora se reconheça a relevância que as instituições de ensino desempenham na transmissão do conhecimento sistematizado e a importância do papel fundamental na formação dos educandos. Educar se faz também a partir da interação entre as pessoas, as trocas de experiências, o partilhar de vivências, tais aprendizagens vão além das salas de aulas.

Aprendemos e ensinamos não apenas na escola, mas em outros grupos e contextos, isto é, aprendemos e ensinamos em casa, na igreja, na rua, nos ambientes de interação com pessoas e objetos (BRANDÃO, 2003). Os seres humanos ao longo de sua vida desenvolvem atividades que podem ser concebidas por meio do partilhar de experiências, se traduzem em conhecimentos que são transmitidos por meio de suas relações sociais que, por vezes, se multiplicam e excedem os muros de instituições escolares.

Por meio de atividades extraescolares, os indivíduos desenvolvem práticas e ações que priorizam o processo educacional não formal e informal que evidenciam particularidades culturais, relações e trocas de experiências, compartilhamento de conhecimentos empíricos e fortalecimento de uma identidade social.

A Educação no sentido amplo, se traduz como uma atividade tipicamente humana que envolve reflexão sobre o aspecto político, econômico, social e cultural necessário para o desenvolvimento da sociedade. Como diz Libâneo (2013, p.14), “a prática educativa é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e ao funcionamento de todas as sociedades”. O autor continua afirmando que “não há sociedade sem prática educativa e nem prática educativa sem sociedade” LIBANEO (2013, p. 14)

Portanto, para efetivação de uma educação transformadora se faz oportuno pensar na educação como prática educativa que representa não apenas uma exigência da vida em sociedade, mas também, é entendida como processo capaz de criar condições de estabelecer relação ativa, permanente e transformadora na sociedade.

Libâneo (2013, p. 14), enfatiza “A prática educativa não é apenas uma exigência de vida em sociedade, mas também o processo de prover os indivíduos de conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social.”

A reflexão sobre a prática educativa traz um indicativo que este fenômeno está em constante diálogo com as diversas modalidades de educação, tanto as intencionais (formal e não formal) quanto a não intencional (informal), ambas sofrem influências considerando o contexto em que estão inseridas. Tais influências são refletidas no compartilhar de experiências e conhecimentos repassados de forma sistematizadas ou de forma espontânea que estabelecem

conexão capaz de ativar uma ação transformadora no meio social.

A educação oferta um vasto campo de conhecimentos, aprendemos e ensinamos em instituições de ensino formais, mas também, para além desses ambientes sistemáticos de ensino. De acordo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação brasileira, LDB 9394-96:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. § 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

Portanto, considerando a ideia expressa logo acima é possível identificar várias modalidades de educação, a que abrange os processos formativos que se desenvolvem em instituições de ensino formal, bem como em espaços de educação não formal e informal. Entende-se que aprendemos na socialização da coletividade, na igreja, na praça, nas rodas de conversas, nos encontros promovidos pela convivência familiar e humana e pelo contato com o meio de organizações de sociedade civil e culturais. “Assim, ações educativas escolares seriam formais e aquelas realizadas fora da escola não formais e informais” (MARANDINO; SELLES; FERREIRA, 2009, p. 133).

4.6 Educação formal

Essa forma de pensar e perceber a educação está intimamente ligada ao processo de ensinar e aprender conteúdos sistematizado, organizado historicamente regido por leis que orientam o funcionamento dos estabelecimentos de ensino. Nessa concepção de educação o indivíduo deve desenvolver-se como ser ávido capaz de desempenhar habilidades e percepções previamente pensados intencionalmente planejados nas instituições escolares.

E dentro desse contexto, a Educação é ofertada como um dever do estado e um direito do cidadão, portando está sujeita à órgãos em níveis federal, estadual e municipal, que devem garantir o acesso e permanência dos brasileiros aos estabelecimentos de ensino, bem como deve garantir o currículo e carga horária mínima prevista a cada ano letivo.

Para GOHN (2006, p. 29),” Na educação formal estes espaços são os do território das escolas, são instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais”. Nesse caso, a educação se desenvolve a em instituições próprias de ensino, regida por leis e diretrizes que orientam e norteiam o processo de ensino e

aprendizagem, bem como o funcionamento dos estabelecimentos.

4.7 Educação não formal

A escola é um estabelecimento de ensino sistematizado onde é o palco de interações de atividades previamente planejadas, devidamente intencional. Contudo o universo de conhecimento é amplo e não se limita apenas as salas de aulas, portanto a aquisição de conhecimentos se dá em diversos espaços e não se limita a currículos. A esse tipo de educação, para muitos estudiosos, é considerada não formal, (GOHN, 2010) “os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vidas dos grupos e dos indivíduos, fora da escola”.

A reflexão sobre a educação formal e não formal não trata sobre a oposição que há entre está dentro ou fora da escola, mas da necessidade de complementação dos conhecimentos contemplados em espaços diferentes. No caso da educação não formal a interação e o compartilhar de conhecimento ocorre e espaços e situações para além da sala de aula. Dessa forma, há construção e propagação de informação e formação de caráter social, político e cultural. Para Vieira (2005):

Assim, a educação não formal pode ser definida como a que proporciona a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal em espaços como museus, centros de ciências, ou qualquer outro em que as atividades sejam desenvolvidas de forma bem direcionada, com um objetivo definido (VIEIRA, 2005, p. 21).

Portanto, os conteúdos e temas trabalhos em sala de aula refletem aspectos importantes que devem ser compartilhadas em ambientes extraescolares, temas importantes como economia, saúde, meio ambiente, desenvolvimento cultural e social são questões abrangentes e que precisam ser discutidas pela comunidade e isso se dá por meio da educação formal.

4.8 Educação informal

É um processo de aprendizagem natural, sem currículo e horários bem definidos, sem sistematização de conteúdo, pode ser considerado um processo não intencional. Essa modalidade de educação não exige a presença de um professor, portanto não apresenta um aspecto formal de ensino, sem horários fixos, prioriza a aprendizagem ao longo da vida, é uma contínua, há espaço para que se materialize a cultura da aprendizagem coletiva.

Na educação informal os saberes, comumente, são compartilhados a partir de

conhecimentos empíricos, partilhados por meio da interação sociocultural em que requer, necessariamente, quem queira ensinar e quem queira e necessite aprender. Ocorrem de forma espontânea e em muitas situações os participantes não tem consciência do processo.

Para Gohn (1998), a educação informal é carregada de valores e representações e tem caráter permanente em nossas vidas, vista que acontece em situações de transmissão de saberes na família, no convívio com amigos, e também, nas relações interativas sociais em clubes, espaços dedicados à mostra de arte, durante a leitura de livros, revistas, ao assistir televisão.

Tomando como base o que Gohn (1998), é possível afirmar que a educação não intencional se constitui a partir das ações cotidianas, da vivência diária, da interação com o outro ou com os objetos, não há a exigência de uma formação específica para que os conhecimentos se multipliquem e, dispensa a elaboração de um processo formativo.

4.9 A cultura da renda de bilro como prática educativa

Desde os primórdios da humanidade, quando surgiram as primeiras civilizações, o homem sentiu a necessidade de cobrir o corpo para se proteger das intempéries climáticas. Assim, “as histórias da humanidade, da indumentária e da moda, se cruzam de forma a alinhar um período da existência humana, desde a pré-história até os dias atuais” (COELHO, 2019, p. 22).

A utilização da pele de animais abatidos nas caçadas, constituía-se a metodologia mais utilizada para essa finalidade. Essas atividades evoluíram com o passar do tempo, impelindo-o a buscar novas formas e tecnologias, além de artefatos que propiciassem uma melhor e mais eficiente condição de se vestir e se proteger (COELHO, 2019).

Assim, a pele de animais, tornou-se a principal fonte de indumentária para essa finalidade. A utilização de uma forma rústica de agulha, facilitava a costura das peles, formatando os moldes e os tamanhos de acordo com cada necessidade. Dessa forma, o homem pré-histórico se protegia do frio e das condições adversas provocadas pela natureza (REIS; COSTA, 2018).

A partir de então, a arte de confeccionar roupas ou vestimentas foi evoluindo através dos tempos, passando por diversas fazes, proporcionando uma variada gama de tipos, formas e modelos, de acordo com as partes do corpo a serem recobertas (SILVA; PERRY, 2018). Para Matsusaki (2016):

(...) a necessidade do homem de se vestir, (...) o levou a buscar maneiras de

trabalhar a pele de animais e desenvolver a agulha - que servia para costurar essas peles -, essa mesma necessidade o induziu a criar o tear, que foi uma das primeiras máquinas a ser produzida e industrializada pelo homem (MATSUSAKI, 2016, p. 18).

Com a evolução da humanidade, tais vestimentas foram se estruturando, ganhando novos enfoques, formas e modelos, bem como a maneira de confeccioná-las, incluindo-se roupas de renda, confeccionadas com a utilização de bilros. A renda de bilro “pode ser considerada uma das mais antigas e ricas manifestações de arte. Feitas a mão e por mulheres, as quais possuem uma delicadeza que demonstra a habilidade e o apensado que foi transmitido através da tradição familiar” (TOURINHO, 2023, p. 5).

A renda de bilro, de acordo com a literatura de Almeida (2018), está associada aos costumes europeus, mais especificamente na Itália, Bélgica, Espanha e Inglaterra, originariamente em meados do século XV. “Destarte, diversos países da Europa propagaram-na seja na veste de reis e rainhas da corte, seja para governos imperiais, sendo assim, a renda cada vez mais foi impulsionada na sua produção” (SILVA; MOURA FILHO, p. 151, 2022).

No Brasil, a arte de tecer renda com a utilização de bilros, foi trazida pelos portugueses no século XVII. Em conformidade com Coelho, (2019, p. 26), por volta “dos séculos XVII e XVIII a renda acabou se tornando um acessório com intuito de adornar regiões como o cabelo, e fazer parte dos vestidos por intermédio de babados, aventais e detalhes”.

Com o passar dos tempos, a arte de tecer roupas de renda por meio da utilização do trançar dos bilros, foi ganhando notoriedade e se expandindo por diversas regiões, sendo passada de geração em geração durante séculos, proporcionando a massificação dessa cultura, deixando um legado de histórias e saberes, coletivos e individuais, os quais ganharam espaço na sociedade brasileira como um todo, até os dias atuais (MATSUSAKI, 2016).

A importação cultural da renda de bilros, propiciada pela colonização do território brasileiro pelos portugueses, durante a sua trajetória, foi sendo difundida e incorporada na sociedade brasileira, mais especificamente na Região Nordeste, proporcionando a prática educativa em diversas comunidades no Brasil, sendo a mulheres que trabalhavam nesse segmento, denominadas de rendeiras (ALMEIDA, 2018).

A técnica do rendar foi transmitida de mãe para filha, geração após geração e, no ano 2000, foi transmitida também pelas mulheres rendeiras que

compunham a Casa das Rendeiras, através de cursos financiados pelo Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa (SEBRAE) (KANITZ; SOUSA, 2017, p. 322).

As práticas culturais das rendeiras espalharam-se por todo o litoral e sertão nordestino, mais especificamente em território Parnaibano. A cultura da renda de bilros se estendeu com maior intensidade em Morros da Mariana, trazidas por mulheres portuguesas durante o período colonial, onde hoje existe uma comunidade que lida especificamente dessa prática cultural, além de significar uma importante fonte de renda para várias famílias (SILVA; PERRY, 2018). Segundo Meneses (2009), presumidamente a renda de bilros tenha sido incorporada à citada localidade por Dona Mariana, a qual foi considerada a primeira moradora, devendo-se o nome do local à sua fundadora.

Nos dias atuais, a renda de bilros traduz-se como uma tradição cultural, principalmente no Nordeste brasileiro. Trata-se de um legado que é repassado de mães para filhas durante muito tempo, tornando-se uma importante fonte de renda para um gama diversificada de pessoas que necessitam desse trabalho para a sua subsistência.

4.10 O ensino e aprendizagem da renda de bilro

Os caminhos para a aprendizagem da renda de bilro tonam-se um processo cultural e etimológico. Muitos aprendizes se tornam profissionais de relevada importância para as comunidades, sem ter frequentado uma sala de aula. Os saberes vão se concretizando diante das vivências cotidianas, pois “o ambiente da casa representa o primeiro espaço da socialização. É nesse contexto que a criança incorpora habilidades, valores, crenças, hábitos e conhecimentos (BRUSSI, 2019, p. 114).

Dessa forma, as crianças nascem e crescem nesse espaço de criatividade que lhes proporcionam um ambiente de valores massificados pela confecção das rendas de bilros. Nesse contexto, de acordo com Paulino (2021, p. 244), “aprender a fazer renda cedo é uma forma de fugir dos pesados trabalhos da roça, dos engenhos e das fazendas canavieiras”.

Ensinar as crianças a fazer a renda de bilros desde a tenra idade, traduz-se em uma forma de mantê-las em atividades que lhes serão de grande valia para a vida adulta. Não obstante a aprendizagem da renda, os pais devem buscar subsídios que possam mantê-las em ambiente escolar, para que possam tornarem-se adultos exponencialmente dotados de saberes que se aglutinarão ao trabalho da renda de bilros (PAULINO, 2021).

A renda de bilros pode ser considerada um trabalho artesanal, desenvolvido principalmente por mulheres, em várias localidades do mundo, mais especificamente na região Nordeste do Brasil, onde essa cultura perpassa gerações, proporcionando melhores condições de sobrevivência e o desenvolvimento do turismo regional (ALMEIDA, 2018).

No Estado do Piauí, mais especificamente na cidade de Ilha Grande do Piauí, a representatividade construída pelas mulheres rendeiras, traduz-se como um importante atrativo turístico, onde pessoas de várias localidades se deslocam para apreciarem o trabalho artesanal realizado por elas (KANITZ; SOUSA, 2017).

A aprendizagem do ofício das rendeiras, cotidianamente, vem se desenvolvendo através dos tempos, formando profissionais que se imbricam nas atividades, desde a mais tenra idade, perdurando por toda a vida. São nuances da vivência dessas mulheres que não deixam essa tradição ser esquecida, pois, “a ‘tradição’ da renda de bilro perpassa as gerações durante séculos e vem trazendo consigo, memórias e histórias individuais e coletivas” (ASSUMPÇÃO; CAPARICA, 2016, p. 93).

Trata-se de um legado que perpassa incontáveis gerações, formatando e fornecendo fazeres e saberes que se incutem na educação de um povo. A relevância do aprendizado da renda de bilro, proporciona às rendeiras de Ilha Grande do Piauí, além de um fator de subsistência, a continuidade dos ensinamentos, proporcionando, dessa forma, a prática educativa nesse contexto (BRUSSI, 2019).

As rendeiras adaptam-se às condições climáticas durante o transcorrer do dia ou da noite. Suas experiências nessas situações, levam-nas a buscarem melhor condições de trabalho, em detrimento de uma melhor confortabilidade para si, proporcionando, dessa forma, uma melhor performance e rendimento. Sobre esses aspectos, Almeida (2020), revela que:

As artesãs, por conta de fatores como luminosidade, temperatura ambiente e exposição do trabalho tendem a trabalhar sozinhas fazendo renda na frente de suas casas. Porém, quando chega o período da tarde e a temperatura fica mais alta, pode acontecer de as rendeiras formarem grupos embaixo de árvores ou do lado de suas casas, onde existe sombra e um clima mais ventilado, além desses momentos trazerem a oportunidade de uma roda de conversa entre elas (p. 28)

Essas situações cotidianas podem fomentar um melhor rendimento dos seus trabalhos, tornando-os mais perfeitos e, conseqüentemente, ganhando uma melhor visibilidade e apreciação por parte da clientela. Essas particularidades são práticas educativas que resultam em uma aprendizagem para as futuras gerações de rendeiras (SILVA; PERRY, 2018).

O conhecimento das rendeiras está intrinsecamente atrelado às histórias que vão se

desenrolando a partir das suas vivências cotidianas. É nesse arcabouço que a tradição se concretiza e novas tendências vão, em parte, concorrendo para novas adaptações e aprendizagens, na busca pela perfeição dos trabalhos produzidos.

Assim, a prática educativa da renda de bilros se desenrola a partir da manifestação de interesse das pessoas da comunidade, geralmente entre os jovens, que podem auferir alguma lucratividade com a produção da renda. De acordo com Assumpção e Caparica (2016, p. 96), “a produção da renda de bilro é passada de geração em geração, obedecendo a critérios definidos durante sua produção, através da sua tradição e cultura”.

Tais critérios podem estar atrelados à instrumentalização utilizada para a confecção das rendas, sendo manuseados com as mãos de forma rústica, sem aparatos tecnológicos que poderiam levar uma maior rentabilidade e rapidez nesse processo. Assim, “cada rendeira apresenta uma trajetória própria, cuja aprendizagem está vinculada à sua vontade, habilidade e aos aspectos históricos, sociais e econômicos mais amplos” (BRUSSI, 2019, p. 116).

Todo o aparato utilizado para a produção da renda de bilros provem de construção artesanal, delineada pelos próprios artesãos dentro das comunidades em que estão inseridos. Em conformidade com a literatura de Rodrigues (2012), os saberes referentes à criação artesanal dos instrumentos são repassados de geração em geração, perpetuando a tradição incutida nas comunidades. As crenças, as práticas e os conhecimentos adquiridos, não são ofertados e nem praticados em sala de aula.

Ante ao exposto, pode-se compreender que o processo ensino e aprendizagem das técnicas necessárias para a confecção das rendas de bilros, são delineadas dentro das próprias comunidades em que essas mulheres residem. Essas técnicas são repassadas para as filhas e, dessa forma, a tradição da fabricação artesanal da renda de bilros se mantém durante séculos.

4.11 A renda de bilro e seus instrumentos de trabalho e de aprendizagem

Sendo um trabalho artesanal, a renda de bilro constitui-se como uma tradição que perpassa gerações, constituídas no tempo e no espaço de um povo. Está intrinsecamente associada às crenças, às práticas, às habilidades e aos conhecimentos das mulheres rendeiras de uma determinada população (RODRIGUES, 2012).

São espaços sociais, onde os saberes artesanais construídos de uma aprendizagem que se delineia no transcorrer do tempo, são massificados por meio de informações repassadas de geração para geração, as quais não são encontradas em bibliotecas, tampouco em sala de aula ou nos centros educacionais. São saberes aprendidos na família ou em locais

comunitários onde a renda de bilro é efetivamente uma fonte de renda, massificando a interrelação entre as pessoas pertinentes a determinado grupo social (ALMEIDA, 2020).

Para Santos, Martins e Pinõl (2021):

A renda de bilro é um trabalho manual em que o modo de fazer é entrelaçado, ou seja, quando um bilro vai para a frente o outro vai para trás. Os bilros são feitos de madeira, com um peso pequeno apenas para dar sustentabilidade na hora de fazer a renda. Além deles, são necessários outros materiais: a almofada, utilizada pra executar o trabalho; o cavalete, que serve de apoio para a almofada; o pique, que é o molde da futura renda; o alfinete, que é usado para prender o ponto no lugar e um fio bastante fino que será trabalhado (p. 1).

Como se pode perceber, trata-se de uma aprendizagem em que a aluna deve estar motivada para alcançar seus objetivos, pois são em grande número os detalhes oferecidos pelos instrumentos e pelo ato de fazer a renda. Necessita-se, portanto de uma certa dose de paciência. Os artefatos e o manuseio próprio de cada um, devem ser cuidadosamente estudados e a prática deve ser constante para que a iniciante possa lograr êxito (ALBANI, 2020).

São em grande número e variados os instrumentos que a artesã utiliza no seu dia a dia laboral quando tece a renda. Trata-se de um trabalho manual, em que a rendeira entrelaça os bilros, alternando-os para frente e para trás.

Figura 2: Os bilros: instrumentos manuseados pelas rendeiras para a feitura das rendas



Fonte: Acervo da autora

Para Caparica (2016), o bilro é um instrumento de madeira, em formato de bobina, onde se acondiciona os fios, sendo os mesmos manuseados em pares, com movimentos circulares, dando forma a figuras previamente elaboradas em moldes específicos. Segundo Almeida (2018, p. 189), são instrumentos “em forma de fusos, cuja cabeça é uma semente denominada *tucum*, de palmeira nativa da região... eles podem variar de tamanho, visto que variam as sementes de *tucum*; assim, a cabeça dos bilros também se diversifica em seu diâmetro e peso”.

Assim, o bilro constitui-se em um dos mais importantes instrumentos para a construção da renda, pois é a partir do seu manuseio que a renda vai se materializando e tomando forma. A movimentação dos bilros permite que a rendeira entrelace os fios de forma artesanal, edificando paulatinamente a renda (TAVEIRA, 2021).

A aparência do bilro varia em diferentes países ou regiões do Brasil. Sua constituição pode ser de madeira ou de outros materiais. Sua forma é constituída de uma cabeça; abaixo segue uma haste cilíndrica de menor espessura e maior comprimento, denominada pescoço. Nele os fios são enrolados e ao final o cabo onde as rendeiras apoiam as mãos para delinear a construção das rendas (SILVA; PERRY, 2018).

Os fios são trabalhados, por meio dos bilros, utilizando-se a quantidade de fios de acordo com a variedade e complexidade da renda, trançados mediante a habilidade das rendeiras (TAVEIRA, 2021). Assim, o movimento circular do bilro faz com que a renda vá se desenvolvendo até formar a peça pré-elaborada pela rendeira, culminando com um trabalho artesanal que se traduz como, aos olhos de muitos apreciadores, uma verdadeira obra de arte (ASSUMPÇÃO; CAPARICA, 2016).

Não menos importante, a almofada de bilros pode ser considerada a plataforma onde a renda é delineada. Trata-se de uma peça de tecido neutro, com uma entrada, onde pode ser preenchida com diversos materiais encontrados na própria comunidade, tais como: serragem, algodão, capim, crina de cavalos, folhas de bananeira, dentre outros. Após o seu preenchimento, a almofada é lacrada e preparada para a utilização na confecção das rendas (SANTOS; MARTINS; PIÑOL, 2021).

Com a utilização dos bilros de forma precisa, os fios vão sendo trançados mediante os movimentos circulares das mãos das rendeiras, que com paciência e perseverança, vão dando formas aos trabalhos e, após o longo processo de criação, a apresentação dos resultados trazem satisfação e orgulho para as artesãs, tornando-se objeto de admiração por incontáveis turistas que visitam Ilha Grande durante todo o ano.

De acordo com Kantiz e Souza (2017, p. 325), “a renda de bilros transformou-se em “um produto turístico do município, atraindo turistas que passam pela localidade ao longo

das visitasões ao Delta do Parnaíba”.

Figura 3 – Almofada utilizada pelas rendeiras de Ilha Grande do Piauí-PI



Fonte: acervo da autora

A almofada de bilros pode ser considerada a plataforma principal onde o trabalho se desenvolve. É a partir dela que a rendeira, com o manuseio dos bilros vai dando forma ao trabalho preestabelecido. O seu formato pode variar de acordo com a região onde o trabalho é desenvolvido.

Existem vários formatos de almofadas, dentre eles podem ser destacados: almofada de cavalete, almofada cilíndrica, de rebole ou redonda ou ainda a conservatória. A escolha do modelo ou formato, fica a critério da artesã. De acordo com a literatura de Girão (2013, p. 15), “no Brasil a almofada do tipo mais comum é cilíndrica e alongada, uma adaptação do modelo Português”.

A almofada é uma particularidade onde as próprias rendeiras buscam confeccioná-las de acordo com a sua comodidade. Em conformidade com Taveira (2023, p. 94), a almofada “é a base para a confecção do trabalho e deve ficar apoiada num material de madeira para o

manuseio. Por cima da almofada fica um molde com o desenho, onde será seguido com o trançar dos bilros”.

Ante ao exposto, pode-se perceber que a almofada de bilros se torna essencial e de grande importância para que o artesanato da renda de bilro possa se desenvolver. Seu manuseio faz com que o produto final tenha a exuberância apreciada pelos turistas em todo o mundo, mais especificamente na região da localidade denominada de Morros da Mariana-PI.

Geralmente os moldes utilizados para o desenvolvimento das rendas de bilros são confeccionados em papelão, onde o resultado final depende exclusivamente do processo criativo da artesã. Para Almeida (2018, p. 96), o molde é “feito de papelão, e algumas rendeiras utilizam a fotocópia de peças a serem produzidas, uma almofada no formato cilíndrico, que fica apoiado sobre uma caixa de madeira (cavalete)”.

O papelão, em alguns lugares, também é chamado de pique. Em conformidade com Luz (2016, p. 32), o pique é o molde da renda, onde é furado o desenho ou padrão da renda. “É o pique que determina o modelo da renda e a quantidade de bilros necessários para a sua confecção. Nos furos do pique são fixados os pontos da renda, com os alfinetes”.

É no papelão ou pique que a renda começa a tomar forma, a partir dos desenhos criados nos moldes e da habilidade das rendeiras durante o manuseio dos bilros, necessitando de uma grande concentração para que não ocorram erros durante a leitura do molde (RODRIGUES, 2012). De acordo com a literatura de Almeida (2018):

Cada ponto corresponde a uma sequência específica de cruzamento ou entrelaçamento de linhas com os bilros. Com a variedade de sequências de cruzamento das linhas nos bilros, encontramos uma diversidade de pontos. Como há muitas possibilidades de cruzamentos, há muitos tipos de moldes e, portanto, de criação de rendas (p. 52).

Como se pode constatar, a criatividade das rendeiras se inicia a partir da elaboração do molde a ser seguido. O molde é elaborado e afixado na almofada, com a ajuda de alfinetes, no local onde será desenvolvida a renda. O alfinete também é utilizado para formatar o desenho que vai ser construído, marcando todos os locais onde a linha deverá ser passada, formando o desenho a ser construído (ALMEIDA, 2020).

Não menos importante na composição da renda, os alfinetes exercem um papel de grande relevância para que a artesã possa manusear os bilros durante a construção do trabalho (SILVA; PERRY, 2018). É por meio dos alfinetes que a rendeira traça os caminhos a serem percorridos pelos fios, perfurando o molde, durante o preparo da renda. O resultado

final pode ser apreciado pelos turistas que buscam a renda como objeto artesanal ou como forma de indumentária.

Figura 4 - Os alfinetes como instrumento de perfuração do molde



Fonte: acervo da autora

Todo esse processo ocorre quando a rendeira fixa o molde na almofada utilizando os alfinetes. Após essa operação, os fios são torcidos e cruzados em volta dos alfinetes e, a partir de então, a renda vai sendo cuidadosamente delineada, resultando em um trabalho artesanal de grande beleza e valor, que atrai turistas de variadas localidades do país.

O Cavalete faz parte do aparato necessário para o desenvolvimento da renda de bilros. É nele que a rendeira tem o apoio para o desempenho das suas funções artesanais. Trata-se de um instrumento de madeira, confeccionado de acordo com o trabalho a ser executado (TAVEIRA, 2021).

Figura 5 – O cavalete seve como apoio da almofada



Fonte: Acervo da autora

O cavalete pode ser elaborado por um marceneiro, com pés planejados para atender a necessidade de cada artesã, ou simplesmente pode ser constituído de um caixote de madeira, dependendo da usualidade que a artesã possa se interessar.

A prática educativa da renda de bilro na localidade Morros da Mariana, litoral do Piauí, ocorre quando a tradição artesanal dessa cultura é repassada de geração em geração. Os ensinamentos perpassados pelas mães, avós e tias são absorvidos pelas jovens das comunidades, mantendo a continuidade dos saberes e fazeres proporcionados pela prática das rendeiras.

Assim, o panorama da subsistência regional está intrinsecamente atrelado ao

desenvolvimento do turismo, proporcionado pelos resultados dos trabalhos das rendeiras, durante todo o ano, massificando o interesse pela aprendizagem do artesanato da renda de bilros, entre as jovens iniciantes daquela comunidade litorânea.

O trabalho dessas mulheres rendeiras é de grande relevância para o turismo. “Por mais que elas apliquem os mesmos pontos e sigam um mesmo projeto, cada peça se torna única, já que o clima, a matéria-prima e até mesmo o estado físico e mental da artesã influenciam no resultado do produto [...]” (ALBANI, 2020, p. 53).

De posse de todo esse aparato rústico, criado pelas próprias rendeiras, os trabalhos realizados pelas mesmas constituem-se em objetos de admiração em todo o mundo. Suas facetas artesanais são cobiçadas por uma gama considerada de pessoas durante suas incursões turísticas.

Como já descrita em parágrafos anteriores, a produção artesanal da renda de bilros se desenvolve a partir de uma série de etapas que vão desde a confecção dos bilros, passando pela preparação dos moldes, do cavalete e da almofada, até a fase final quando a renda está pronta para a entrega aos clientes.

A renda não é confeccionada de forma aleatória sem a prévia solicitação por determinado cliente. Se assim o fosse, o trabalho elaborado previamente pela rendeira poderia correr o risco de não ser adquirido de imediato pela clientela (ALMEIDA, 2023).

Assim, a renda é produzida a partir da manifestação de interesse do cliente por determinado modelo apresentado pela rendeira. Após a escolha, a rendeira se compromete com o cliente em confeccionar a renda no tempo hábil, previamente acertado entre as partes contratantes.

A busca precisa pelos materiais necessários para o desenvolvimento de determinado trabalho de renda encomendado, pode significar o sucesso dos resultados, quando na finalização da renda a ser produzida pela artesã. A escolha do molde, o tipo de almofada, a linha e os bilros, devem estar compatíveis com o trabalho a ser elaborado. Nesse arcabouço, Silva e Moura Filho (2022, p. 146) inferem que:

É necessário ater-se à fundamentação do material concreto que se utiliza na produção de peças de rendas. Tais materiais são recursos, geralmente elaborados pelas próprias rendeiras, fundamentais na constituição da renda. A almofada, ou mofada, nome também usado por elas, como um material cilíndrico, dos mais variados tamanhos contempla como uma base importante na produção da renda.

É a partir do apoio da almofada que determinado trabalho de renda se desenvolve paulatinamente. A busca pela matéria prima específica e pelas ferramentas necessárias para a

feitura das rendas, pode estar condicionada ao resultado que será alcançado ao final da obra. Faz-se necessário que a rendeira deva ter “um modelo previamente desenhado em um papel lustroso e transparente devendo, ser colado a um outro papel mais resistente e opaco, onde será alinhavado o fitilho” (SILVA, 2013, p. 81-82).

Muitos dos materiais e instrumentos utilizados para a construção da renda de bilro não se deterioram com facilidade com o passar do tempo, perdurando por várias gerações, sendo transformados em herança de família, possuindo, inclusive um valor sentimental. Segundo Moraes et al. (2015, p. 10), tais situações são comuns quando as rendeiras abrem “suas caixas de recordações e nos mostrar bilros e piques marcados pelo tempo e pelas lembranças de mães, tias e avós”.

A renda de bilros começa a ser delineada a partir da elaboração do desenho no papel. A criatividade das rendeiras pode ser inspirada em diversas situações que envolvem a natureza e o cotidiano de cada uma, podendo conter motivos florais, geométricos, abstratos ou orgânicos. A quantidade de pontos a serem construídos está diretamente atrelada à edificação do desenho, enfatizando-se a imagem a ser transposta para a renda propriamente dita (SILVA, PERRY, 2018).

Outro fator não menos importante são as bordas da renda. Normalmente são confeccionadas de forma reta, podendo ser curvas ou ainda em bicos com diferenciadas graduações. Podem também ser de bordas variadas ou ainda uma borda reta e outra contendo decorações, para que possam ser costuradas em uma outra peça. Outro ponto importante são os entremeios que, geralmente constituem-se de duas bordas retas, para que possam ser costurados nos dois lados (MEDEIROS, 2023).

Diante do exposto, a significativa contribuição da cultura da renda de bilros para o mundo da moda, em variadas instâncias sociais no Brasil, mais especificamente no litoral piauiense, traz para as pessoas que se dedicam a essa feitura de forma artesanal, uma opção de subsistência para si para sua família, além de manter a tradição que já existe há muito tempo.

A tradição da renda de bilros de Ilha Grande do Piauí, ganhou notoriedade a nível nacional e internacional. Seus trabalhos são apreciados em várias partes do Brasil, trazendo consigo uma notoriedade artesanal de grande valia, possibilitando, dessa forma que essas artesãs possam ser reconhecidas como fomentadora de uma identidade cultural. Sobre esses aspectos, capítulo a seguir traz esses enfoques, demonstrando o quanto é importante essas identificações culturais trazidas pelas rendeiras de Ilha Grande.

5 A AÇÃO DAS RENDEIRAS NA CONSTITUIÇÃO DE UMA IDENTIDADE CULTURAL

A representatividade de um povo, por meio dos seus traços específicos, trona-se de grande importância para que se possa compreender suas tradições culturais e, dessa forma, estabelecer-se as suas especificidades e particularidades dentro das comunidades. Com isso, pode-se entender de que forma são construídas as predileções de cada indivíduo dentro do seu espaço social e cultural (FREITAS JUNIOR; PERUCELLI, 2019).

No estudo histórico social, a cultura apresenta-se como um conceito de símbolos que são atribuídos aos significados nos diversos campos das ciências sociais, juntamente com as ações e sua maneira de expressão que busca o reconhecimento sócio histórico construído por indivíduos pertencentes a um determinado grupo social, que utiliza as formas de apresentação cultural através de manifestações, sejam elas verbais, simbólicas ou textuais, dentre outros (BACKES, 2017).

A cultura popular está ligada a história de vida tradicional de um povo e assim atribui várias características do folclore regional, como é possível perceber, por exemplo, a renda de bilros, que foi criada por meio de uma manifestação cultural trazida de outros modelos de sociedade, mas aperfeiçoou às características locais de cada região que foi apresentada, mantendo sua tradição voltada para o folclore e estando apta aos processos de renovação (CASTRO; GOMES; CORRÊA, 2012).

Dessa forma, a cultura popular intrínseca em variadas sociedades contemporâneas, não é apenas a cultura de um povo, e sim uma construção de um modo de agir de determinados grupos sociais existentes em cada época. As transformações atribuídas aos modos de representação da cultura popular competem não só ao modelo de comportamento social, mas também à outras formas de demonstração, tanto de vestimentas, festividades, crenças, etc., ou outros modelos que promovem essa recriação do processo cultural (CANCLINI, 2011).

Isso posto, pode-se entender que a cultura popular da renda de bilros pode ser considerada um conjunto de hábitos que está em constante transformação, em decorrência dos aspectos atribuídos à determinada sociedade cultural, de uma determinada população. Em conformidade com a literatura de Catellani (2003, p. 681), a renda é um “tecido leve e transparente de malha aberta fina e delicada, formando desenhos variados pelo entrelaçamento de fios de algodão, seda, ouro ou prata”.

Figura 6 - Fio utilizado para fazer a renda de bilros



Fonte: Acervo da autora

Partindo de características dos conceitos populares, a cultura é um conjunto de definições que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a moral, os costumes e hábitos que pertencem ao ser humano, e este se faz membro de um grupo social. Em outras palavras, a cultura pode ser considerada um conjunto de hábitos que está em constante transformação em decorrência dos aspectos atribuídos a determinada sociedade.

Assim, o conceito próprio da cultura popular, como transformadora de um determinado segmento social, torna-se algo inusitado e bastante complexo, sem haver uma só definição fundamentalmente completa. Faz-se necessário que se possa compreender que a representatividade de um povo, por meio dos seus traços culturais específicos, trona-se de

grande importância para que se possa compreender suas tradições e, dessa forma, estabelecer-se as suas especificidades e particularidades dentro das comunidades (FREITAS JUNIOR; PERUCELLI, 2019).

Com isso, pode-se entender de que forma são construídas as predileções de cada indivíduo dentro do seu espaço social e cultural, por meio de simbologias, crenças e valores (FREITAS JUNIOR; PERUCELLI, 2019). Em conformidade com a literatura de Ledur (2012):

Nesse sentido, a cultura é o somatório de valores, costumes, tradições e métodos adquiridos em um determinado lugar, exercendo características próprias de cada grupo. Daí ser a cultura um forte de identificação pessoal e social, um modelo de comportamento que integra segmentos sociais e gerações, importante para compreender o mundo, e integrar-se à sociedade (p. 16).

Para que esta seja caracterizada, é preciso, entretanto, um ponto de vista que focalize na tomada de posição (CANCLINI, 2011; BOSI, 2008). É de intensa relevância o significado da cultura em uma visão de perspectiva da antropologia. De acordo com Braga (2007, p. 55), “[...] desde a segunda metade do século XIX, o conceito de cultura tem recebido diferentes acepções”.

Nesses aspectos, as manifestações culturais no Brasil são movimentos populares que representam uma contribuição no reconhecimento da identidade nacional, que foi construído no decorrer do tempo, trazendo variados significados para as comunidades de artesãos, mais especificamente na região Nordeste, palco de incontáveis tradições folclóricas e artesanais, incluindo-se a cultura da renda de bilros.

Assim, a cultura da renda de bilros pode ser considerada um trabalho artesanal, tendo-se em vista ser edificada de forma manual. Para Rodrigues (2020, o artesanato é o trabalho manual, onde são utilizadas diversas matérias primas para a confecção do mesmo, podendo ele ser erudito, popular e folclórico, e ser manifestado de várias formas. O artesanato resultante da renda de bilros, em consonância com Almeida (2020), pode ser considerado como:

Um parceiro viável para pessoas que não conseguem, por diversos motivos, fazerem parte do mercado formal, seja essa situação apenas em um período de temporadas ou por muito mais tempo, ocupando assim o tempo livre que dispõem com a produção artesã, o que acarreta na geração de um rendimento que auxiliará nas despesas do lar (p. 43-44).

O trabalho manual delineado pelo trançado dos bilros para a confecção da renda

artesanal, é considerado um atrativo turístico em várias regiões do Brasil. No litoral piauiense não é diferente. Trata-se de delicados tecidos construídos a partir do entrelaçamento de fios, considerados em muitas regiões, artefatos de luxo e sofisticação. Cada ponto, cada movimento, cada laçada da linha, pode significar uma particularidade singular de determinada região em que esses artesanatos são produzidos (REIS; COSTA, 2020).

Assim, conceituar de forma acertada e conclusiva acerca da cultura da renda de bilros, não é uma tarefa que possa ser considerada de fácil execução, tendo se em vista que existe uma vasta quantidade de literaturas que discorrem sobre essa temática.

Nas palavras de Para Calazans, Collares e Ribeiro (2020, p. 61), a renda de bilros pode ser compreendida como uma expressão genuína de uma cultura, pois, ao “construir suas peças, as rendeiras expressam, por meio de uma técnica específica, o seu fazer, o seu conhecimento tácito, o qual foi acumulado das gerações pretéritas”.

Os autores ainda reiteram que a importância da renda de bilros advém não apenas da originalidade e beleza, mas da característica de um saber fazer artesanal, da sua forma tradicional de transmissão e do seu papel enquanto manifestação cultural e de identidade de um povo (CALAZANS, COLLARES E RIBEIRO, 2020).

Dessa forma, é possível compreender que o conhecimento acerca da fabricação artesanal da renda de bilros é oriundo de gerações passadas e continua sendo propagado com o passar do tempo, ultrapassando os anais da história de um povo que busca a manutenção dessa tradição cultural.

As mulheres rendeiras da cidade de Ilha Grande do Piauí, constituem-se em um grupo sociocultural que, durante muito tempo, cuidam para que a tradição da renda de bilros mantenha-se coesa, com o intuito de que as futuras gerações possam alargar e potencializar os saberes e fazeres dessas artesãs, no sentido de preservar a memória e a história dessa importante tradição incutida no litoral piauiense (ALMEIDA, 2018).

Essas tradições são perpetuadas durante várias gerações. Nos dias atuais existe um local específico para a elaboração artesanal das rendas, denominado de Casa das Rendeiras, constituindo-se em um ponto turístico que atrai grande número de visitantes o ano inteiro, apoiado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

Em conformidade com a literatura de Calazans, Collares e Ribeiro (2020, p. 61), “a renda de bilro constitui um patrimônio cultural que tem resistido às mudanças do mundo, com uma história que atravessa séculos e continua enraizada junto às regiões costeiras”.

O encantamento durante a confecção das rendas, mais especificamente o manuseio dos bilros, também pode ter contribuído para a continuidade dessa importante tradição (SANTOS;

MARTINS, PIÑOL, 2021). Os trabalhos artesanais “são elementos de tradição no Brasil, especialmente nos lugares mais afastados dos grandes centros, onde os produtos são reflexos diretos de suas práticas costumeiras por gerações” (LEAHY, 2019, p. 100).

Nesse contexto, pode-se interpretar que “o significado das culturas implica reconstituir, o modo como os grupos se representam e as relações sociais que os definem em sua estruturação interna e nas relações com outros grupos” (GONÇALVES, 2011, p. 15).

Coadunando com a autora, a manifestação cultural da renda de bilros, mais especificamente acerca das rendeiras de Ilha Grande do Piauí, possibilita que várias agremiações, que laboram com a renda de bilros, possam estar integradas socialmente em prol de um bem comum.

A importância da renda de bilros, como manifestação de uma cultura de tradição viva, está incutida nesse rol de atividades artesanais, constituindo-se em uma tradição artesanal de relevada importância para o turismo no litoral piauiense, mais especificamente na localidade denominada de Morros da Mariana (CALAZANS; COLLARES, RIBEIRO, 2020).

Nesse arcabouço teórico, a renda de bilros pode ser considerada uma dessas manifestações culturais que são repassadas de pais para filhos, e continuam vivas até os dias atuais. A cultura, como manifestação incutida no dia-a-dia, apresenta características de uma determinada sociedade, designando não somente “as tradições artísticas, científicas, religiosas e filosóficas, como também as suas técnicas próprias, seus costumes políticos e os diversos usos que caracterizam a vida cotidiana” (GONÇALVES, 2011, p. 39).

5.1 A casa das rendeiras de ilha grande do Piauí

As rendeiras de Ilha Grande do Piauí, manipulavam seus bilros em suas próprias residências. Pouco a pouco o artesanato da renda de bilros foi sendo disseminado em várias partes da Região Nordeste. Com o passar do tempo, por conta da sua delicadeza e beleza, a renda de bilros ganhou notoriedade em outros estados, como sudeste e Sul do Brasil, tais como Santa Catarina e São Paulo (ALMEIDA, 2018).

Assim, a produção da renda de bilros foi ganhando espaço, chegando ao ponto de haver a necessidade de um local próprio, onde as rendeiras poderiam realizar seus trabalhos conjuntamente, para que houvesse um maior engajamento e troca de informações entre as mesmas. Em conformidade com (KANITZ; SOUSA, 2017):

A Casa das Rendeiras atualmente configura-se como uma associação de

mulheres que têm como especialidade a confecção das rendas de bilros. Compõem essa Casa mulheres das mais variadas idades. É o espaço em que o ofício de rendar toma forma de maneira concentrada; nele, as rendas são confeccionadas (a maioria das mulheres também fazem renda em suas casas; no espaço doméstico), expostas e comercializadas (p. 322).

A casa das rendeiras do Piauí foi edificada no ano de 1993, idealizada para reunir os trabalhos artesanais realizados pelas rendeiras da cidade de Ilha Grande do Piauí, além de mantê-las em um local próprio, facilitando, dessa forma, a coadunação de conhecimentos e saberes sobre o fazer renda de bilros.

Figura 7 - Fachada da Casa das Rendeiras, localizada na cidade de Ilha Grande do Piauí-PI



Fonte: Acervo da autora

Sua parte interna foi projetada para abrigar as rendeiras e seus equipamentos próprios para a confecção da renda de bilros. Trata-se também de um local de visitação o ano inteiro, onde turistas e visitantes das regiões circunvizinhas podem apreciar as rendas produzidas, além de presenciar as rendeiras executando o seu ofício.

Trata-se um local onde as rendeiras se encontram para exercerem seus trabalhos artesanais confeccionados mediante o paciente trançar dos bilros, numa frenética

movimentação cadenciada e, como um passe de mágica a renda vai surgindo de diferentes formas e designers.

Figura 8 - Vista da parte interna da Casa das Rendeiras



Fonte: Janáina Leocádio, 2016

Trata-se um local de visitação o ano inteiro, atraindo turistas de várias partes do Brasil, os quais podem admirar e comprar as peças produzidas pelas rendeiras. A Casa das Rendeiras está localizada em uma das avenidas mais movimentadas da cidade de Ilha Grande. Lá os turistas podem escolher as peças que mais lhes aprazem. “Os guias de turismo param na casa para os turistas conhecerem o artesanato da região” (ALMEIDA, 2018, p. 33).

5.2 A tradição viva do artesanato da renda de bilros

São em grande número as manifestações culturais que se descortinam no seio da sociedade brasileira. São arraigados saberes e fazeres de um povo que busca manter os costumes e as tradições que perpassam gerações, na iminência da perpetuação do saber e da prática artesanal de determinadas populações (SILVA; PERRY, 2021).

A palavra tradição pode ser utilizada em sentido amplo, de variadas formas interpretativas, porém não deve ser mensurada de forma definitiva. Essa, inclui tanto as tradições realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que

surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo (CANCLINI, 2011; BOSI, 2008).

Antropologicamente a cultura tradicional da renda de bilro, em conformidade com a literatura de Laraia (2009), denota que “os diferentes os costumes sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura” (p. 68).

Dentre as várias manifestações culturais e artísticas o artesanato, incluindo-se a renda de bilros, em muitas regiões do Brasil, é considerado uma tradição cultural viva e presente no dia a dia de comunidades que dependem dele para subsistirem (KANITZ; SOUSA, 2017. A conceituação do que vem a ser o artesanato está incutida nas palavras de Borges (2011), quando afirma que:

Produtos artesanais são aqueles confeccionados por artesãos, seja totalmente à mão, com o uso de ferramentas ou até mesmo por meios mecânicos, desde que a contribuição direta manual do artesão permaneça como o componente mais substancial do produto acabado. Essas peças são produzidas sem restrição em termos de quantidade e com o uso de matérias primas de recursos sustentáveis. A natureza especial dos produtos artesanais deriva de suas características distintas, que podem ser utilitárias, estéticas, artísticas, criativas, de caráter cultural e simbólicas e significativas do ponto de vista social (p. 21).

A renda de bilro é considerada um trabalho artesanal delicado, com linha, “organizado de forma harmoniosa ao ponto de, visualmente, se formarem padrões ornamentais, que de acordo com características de tamanho, espessura, tonalidade e modelos, podem vir a ser um tecido em renda, entremeios ou bicos” (ALMEIDA, 2020, p. 21).

O artesanato, enquanto elemento de destaque cultural e turístico, pode ser considerado de relevada importância econômica para determinadas regiões do Brasil e do mundo. Para Matsusaki (2016, p. 18), “[...] o artesanato foi a primeira forma que o homem encontrou para modificar manualmente a natureza ao seu redor, produzindo artefatos para auxiliá-lo nas suas atividades diárias”.

Para Almeida (2020, p. 43), “o artesanato é uma prática encontrada em todas as classes sociais, e isso se deve a sua valorização cultural e também pela sua diversidade”. Destarte, faz-se necessário a continuidade desse tipo de trabalho, pois trata-se de uma manifestação cultural a ser preservada, para que futuras gerações possam alargar e potencializar o artesanato regional, mais especificamente o que se desenvolve na comunidade de Morros da Mariana, litoral do Piauí.

As atividades artesanais delineadas durante a feitura da renda de bilros, atrai uma conceituada gama de turistas que se deleitam diante das habilidades das mãos das rendeiras. Com a venda das rendas, essas mulheres propiciam o seu sustento e, invariavelmente o da sua família. Dessa forma, a tradição cultural e artesanal das rendeiras, perpetua-se no decorrer do tempo, mantendo a tradição que perduram até os dias atuais.

A necessidade de buscar subsídios para custear as despesas familiares, seria uma das mais prováveis causas para que a confecção da renda de bilros tenha se mantido ativa durante décadas, mais especificamente no litoral do Piauí (KANITZ, 2017).

A importância de se manter as tradições vivas, reside no fato de que as futuras gerações poderão vislumbrar, de forma mais abrangente, toda a trajetória das populações que construíram o fazer histórico de determinado patrimônio cultural. É notório que o legado deixado pelos antecessores são fundamentais para a perpetuação da história (BACKES, 2017).

Figura 9 - Rendeiras em seu ofício, movimentando os bilros e alfinetes



Fonte: Acervo da autora

Nesses aspectos, pode-se entender que a tradição viva pode ser reconhecida “por continuidade, permanência e valores de um determinado grupo social, que se mantêm vivos, pela transmissão sucessiva através de seus membros de geração a geração” (GONÇALVES, 2011, p. 44).

Destarte, a renda de bilros, mais especificamente a produzida na comunidade de Morros da Mariana, região litoral do estado do Piauí, constitui-se em uma cultura de tradição que continua viva, sendo mantida através dos tempos, perdurando até os dias atuais.

Os variados aspectos culturais trazidos pela grande diversidade de movimentos inculcados no fazer das rendas de bilros, envolve uma série de fatores tradicionais e hereditários que atravessam gerações. Esses valores são responsáveis pela manutenção da tradição viva, sendo massificado por artesãs em vários lugares do Brasil, especialmente no que tange a região Nordeste (SILVA, PERRY, 2018).

Os enfoques acerca da tradição viva trazem variados pensamentos que miscigenam opiniões diferenciadas, mas que se coadunam quanto a determinados posicionamentos específicos. Nesses aspectos pode se destacar o pensamento de Gonçalves (2011) quando o autor afirma que a tradicionalidade está presente diuturnamente na vida social das pessoas, onde o presente e o passado se entrelaçam como um elo de ligação.

Essas singularidades podem ser notadas no dia a dia das comunidades que lidam como o artesanato da renda de bilros. A herança cultural e familiar que fomenta o artesanato da renda de bilro em Morros da Mariana-PI, segundo Albani (2020), está diretamente ligada à perpetuação das técnicas tradicionais e habilidades manuais, as quais são repassadas de forma oral para as futuras artesãs, possibilitando, dessa forma, a manutenção da identidade cultural de determinadas populações.

Assim, são em grande número os fazeres e saberes artesanais e culturais das rendeiras de Morros da Mariana, que possibilitam uma considerável visitação turística à localidade. De acordo com Carvalho e Cury, “a identidade cultural e a valorização da renda de bilros produzida em Morros da Mariana têm contribuído para valorizar o território e a comunidade” (p. 12).

Essas manifestações culturais e artesanais que proveem da feitura da renda de bilros, na comunidade Morros da Mariana, possibilitam às populações de todas as idades, uma autossustentabilidade econômica que, de forma geral, mantém viva essa tradição, sendo consideradas atrações turísticas que reúne uma considerável gama de pessoas provindas de diferentes partes do Brasil (MATSUSAKI, 2016).

Trata-se de uma manifestação cultural que se concretiza a cada ano, mantendo a

forma tradicional de fazer rendas de bilros. Esse tipo de artesanato, de acordo com a literatura de Caldas (2017, p. 11), é o “ofício passado de geração a geração que se perpetua a história e a ancestralidade com a transmissão dos saberes e resistindo aos movimentos históricos de dominação”.

Assim, esse tipo de artesanato se constitui a partir de uma invenção coletiva, mantendo-se o elo com o passado, sendo disseminado entre grupos e comunidades, concretizando e perpetuando, dessa forma, o trabalho artesanal das rendeiras. Nesses pressupostos, “o trabalho das rendeiras de bilros tem se apresentado como fator de identidade para comunidade, e conseqüentemente ao se afirmarem no território a partir de suas práticas (CARVALHO; CURY, 2020, p. 12).

Figura 10 - Resultado dos trabalhos das rendeiras de Ilha Grande do Piauí



Fonte: Própria da autora

Na feitura da renda de bilros, existe uma variedade de movimentos que conjuntamente edificam de forma artesanal a renda. As variações vão desde o “material utilizado pela artesã e a matéria-prima da linha até como ela é tramada e as inspirações para os motivos da renda. Um saber passado de mãe para filha, que exige habilidade manual e é carregado de riqueza estética” (SEBRAE, 2014, p. 8).

A representação de uma comunidade através dos seus traços é fundamental para a compreensão e o estabelecimento da identidade, que é expressa pelas suas particularidades e

especificidades em si. A identidade cultural de determinada localidade viabiliza o entendimento sobre as predileções de um indivíduo, o seu pertencimento a um território, onde a cultura se faz presente através dos símbolos, crenças e valores (FREITAS JUNIOR; PERUCELLI, 2019).

Essas particularidades sociais e culturais e artesanais fazem parte do cotidiano daquela localidade. Para Pinheiro, Vasconcelos e Carvalho (2021, p. 129), “a comunidade conhecida tem se destacado no cenário nacional pela beleza e delicadeza da produção da renda de bilro... um componente da identidade cultural do lugar”.

O capítulo a seguir trará detalhamento sobre o caminho metodológico no qual a pesquisa transcorreu, dessa forma descreverá o tipo e a abordagem da pesquisa, a metodologia e a técnica de análise de dados, participantes e local da pesquisa.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados e discussões de uma pesquisa é o momento em que o pesquisador busca a interação junto aos participantes, na eminência da coleta dos dados que servirão como embasamento. Nas várias literaturas existentes podem ser encontradas informações acerca dos procedimentos a serem adotados com relação à análise de dados da pesquisa científica. Os argumentos são consubstanciados e variados, permitindo uma reflexão mais precisa sobre a questão.

Segundo Vergara (2003, p. 15), “[...] a análise de conteúdo é considerada uma técnica para o tratamento de dados que visa identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema”. Para Yin (2005, p. 137) discorre que “[...] a análise de dados consiste em examinar, categorizar, classificar em tabelas, testar ou, do contrário, recombinar as evidências quantitativas e qualitativas para tratar as proposições iniciais de um estudo”.

A história da renda de bilros, constitui-se em um patrimônio histórico e social na região deltaica do litoral piauiense, onde a cidade de Ilha Grande do Piauí está geograficamente inserida. Uma tradição que atrai significativamente uma gama variada de turistas, oriundos de várias partes do Brasil e do mundo.

A renda de bilros está arraigada no seio social da cidade de Ilha Grande do Piauí. Faz parte do cotidiano da população de um modo geral, constituindo-se em uma tradição que se perpetua no seio social daquela cidade, preservando a história e a memória, engrandecendo exponencialmente a cultura e trazendo subsídios para sobrevivência das rendeiras artesãs e suas famílias.

Para Pinheiro, Vasconcelos e Carvalho, 2021, p. 140), “as artesãs constroem parte da história da comunidade ao longo de anos, através das peças tecidas com mãos habilidosas desde muito jovens”. Elas se traduzem como verdadeiros e importantes personagens no cotidiano da cidade e das pessoas, contribuindo para o enriquecimento cultural, além de valorizar a arte e o artesanato daquela região. Começaram a delinear os trabalhos desde a tenra idade, por volta de sete a dez anos, geralmente aprendendo com a mãe. Em conformidade com Bergamin (2013, p. 19):

As mulheres aprendiam a atividade da renda desde muito cedo. Meninas na idade média de sete anos já possuíam seu espaço do dia reservado a aprender a fazer a renda-de-bilro. E não o faziam, muitas das vezes, por vontade própria, mas por determinação materna, que via na renda um importante aprendizado que deveria passar às filhas, também como uma tentativa para garantir uma atividade que a sustente em qualquer situação de adversidade financeira.

Para a construção dos trabalhos na cidade de Ilha Grande do Piauí, as artesãs geralmente se reúnem na “Casa das Rendeiras de Ilha Grande do PI”. A Casa das Rendeiras está localizada na cidade de Ilha Grande do PI, mais especificamente no bairro denominado Morros da Mariana. Trata-se de um local específico para o encontro das rendeiras, onde as mesmas tecem suas rendas com a utilização de instrumentos específicos tais como: almofadas, bilros e alfinetes.

Isso posto, a presente pesquisa está pautada em buscar entendimento sobre os trabalhos realizados pelas rendeiras de Ilha Grande e suas vivências cotidianas, suas ambições, como despertou o interesse pelo fazer renda de bilros, seus ganhos com essa profissão e se estão satisfeitas com as situações cotidianas que a renda de bilros proporciona para as mesmas. Para tanto, fez-se necessária a elaboração de um questionário contendo dez questões abertas, direcionadas às participantes da pesquisa, conforme abaixo:

1 Dados pessoais:

Nome:

Idade:

Formação:

Tempo que trabalha com rendas de bilros:

2 Como surgiu o interesse pela prática da renda de bilros?

3 Onde e como vocês se organizam para partilhar conhecimento sobre essa cultura?

4 Comente sobre a forma de transmissão dos saberes e fazeres das mulheres rendeiras.

5 A produção da renda de bilros contribui no orçamento e sustento familiar?

6 A senhora considera a prática da renda de bilros um saber de história e memória do povo ilhagrandense?

7 Como a cultura da renda de bilros se traduz em prática educativa no seu dia-a-dia?

8 Há algum projeto de incentivo para a perpetuação do fazer das rendeiras e sua manifestação de cultura intergeracional?

9 Quais músicas e histórias vocês costumam cantar e narrar durante a produção das peças de renda?

10 As rendeiras compõem a identidade e expressão cultural de Ilha Grande-PI?

Como instrumento de pesquisa optou-se pela utilização do aplicativo gravador de voz de celular. Todas as respostas foram transcritas de acordo como foram proferidas pelas rendeiras participantes e, só após um prévio entendimento dos resultados, foram apostas de

acordo com a veracidade do que foi apurado na pesquisa.

Isso posto, o tópicos a seguir traz os resultados obtidos durante as entrevistas realizadas junto às rendeiras. Após obter-se os resultados da pesquisa de campo, procedeu-se a análise e a discussão dos resultados, objetivando-se, dessa forma, o entendimento do que foi explanado pelas rendeiras participantes da pesquisa.

Todas as respostas proferidas pelas entrevistadas foram analisadas criteriosamente, transcritas, respeitando-se a legitimidade das mesmas, apondo-se tal qual como foram percorridas, buscando-se, dessa forma, preservar a veracidade dos conteúdos, sendo posteriormente comentadas, havendo uma interação entre a autora e os participantes. Inicialmente foi solicitado que as rendeiras declinassem informações sobre seus dados pessoais, os quais estarão transcritos na tabela 1 abaixo.

TABELA 1 - IDENTIDADE DAS RENDEIRAS

NOME	IDADE	FORMAÇÃO	TEMPO DE TRABALHO COM RENDAS
MARIA DO SOCORRO FREITAS	62 ANOS	ENSINO MÉDIO	55 ANOS
MARIA DO SOCORRO REIS GALENO	71 ANOS	ENSINO MÉDIO INCOMPLETO	54 ANOS
MARIA JOSÉ COSTA	85 ANOS	ENSINO MÉDIO	78 anos
MARIA AUXILIADORA DOS SANTOS OLIVEIRA	76 ANOS	PRIMÁRIO INCOMPLETO	62 ANOS

A tabela acima refere-se à questão nº 1, a qual buscou obter os dados pessoais das participantes, estabelecendo-se, dessa forma, a identidade das rendeiras participantes da pesquisa. Todas as rendeiras são moradoras da cidade de Ilha Grande do Piauí e fabricam suas rendas na casa das Rendeiras situada naquela localidade. Trata-se de pessoas humildes, porém com um certo grau de estudo, o que, de alguma forma, contribuiu relevantemente para que a pesquisa fosse realizada de forma satisfatória.

A receptividade por parte das mesmas ocorreu de forma amistosa, havendo uma rápida interação com todas as participantes. A princípio foram informadas sobre a pesquisa que seria efetuada junto às mesmas, as quais se prontificaram em participar de forma amistosa, o que contribuiu para que a pesquisa transcorresse sem nenhum empecilho ou qualquer outro agravante.

Os questionamentos iniciais, delineados pela pergunta nº 2, foram direcionadas às entrevistadas, buscando saber das mesmas, como surgiu o interesse pela prática da renda de bilros. As respostas estão transcritas abaixo:

“Aos sete anos, eu muito curiosa, começava a mexer e tecer com os bilros da minha avó... aí ela via que eu tinha interesse.” (Maria do Socorro Freitas).

“... minha mãe me incentivou a fazer renda... aprendi a fazer renda aos sete anos de idade... é um trabalho que me identifico... gosto muito de fazer... e também pelo dinheiro” (Maria do Socorro Reis Galeno).

“Minha mãe me apresentou a almofada e eu aprendi com ela... (Maria José Costa).

“Aprendi observando minhas colegas que já faziam rendas na calçada... fui tentando fazer e consegui aprender” (Maria Auxiliadora dos Santos Oliveira).

Como se pode perceber, a renda de bilros está arraigada na vida das pessoas de Ilha Grande-PI, principalmente das rendeiras da localidade denominada de Morros da Mariana. De acordo com as respostas das rendeiras, o despertar para o fazer renda de bilros ocorre desde a tenra idade, sendo essa tradição repassada de geração em geração. De acordo com Maria do Socorro Freitas, “aos sete anos, eu muito curiosa, começava a mexer e tecer com os bilros da minha avó”.

Para a Maria do Socorro Reis Galeno, sua mãe foi quem incentivou a mesma a fazer renda de bilros. Maria José Costa também declinou uma resposta semelhante: “Minha mãe me apresentou a almofada e eu aprendi com ela”. Já a Sra. Maria Auxiliadora dos Santos Oliveira afirmou que aprendeu junto às suas colegas que já executavam esse ofício.

Trata-se de uma cultura artesanal que é repassada de mãe para filha durante séculos. Para Kanitz e Sousa (2017, p. 316), “existe um modo peculiar de ensino do ofício de rendeira perpetuado por meio da tradição oral, cuja realidade é encontrada ainda hoje nos Morros da Mariana”.

Nesses pressupostos, a cultura da renda de bilros já se tornou famosa e tradicional na cidade de Ilha Grande do Piauí, mais especificamente na localidade de Morros da Mariana. A absorção do conhecimento sobre o fazer das rendas de bilros, de acordo com as informações repassadas pelas entrevistadas, foi delineado desde a tenra idade, a partir da observação junto às pessoas mais velhas da comunidade, principalmente junto às suas mães que

já eram rendeiras há bastante tempo. Assim, a renda de bilros:

É um importante fator de representatividade da comunidade, bem como tem se transformado, ainda que de forma amadora, em um produto turístico do município, atraindo turistas que passam pela localidade ao longo das visitas ao Delta do Parnaíba (KANITZ; SOUSA, 2017, p. 325).

Os saberes e fazeres inerentes à construção da renda de bilros, tornou-se imprescindível para a região, além de contribuir para o desenvolvimento do comércio local, onde turistas, interessados nos trabalhos artesanais das rendeiras, também se interessam por outros produtos regionais, massificando a economia da região. Assim, a questão nº 3 buscou saber das participantes sobre onde e como se organizam para partilhar conhecimentos sobre essa cultura. A seguir tem-se os resultados obtidos.

“Antigamente na minha época a gente fazia renda na calçada das vizinhas... fazendo renda por encomenda... aí a primeira dama do estado veio aqui comprar renda... aí ela sugeriu pra nós fazer um localzinho pra gente trabalhar né. Aí foi como surgiu a associação em dois mil e noventa e dois” (Maria do Socorro Freitas).

“Aqui mesmo na associação, todo mundo trabalha junto, né? A gente se ajuda uma com a outra... tem gente que faz bem feito... tem gente que faz mal feito, né?... então a gente procura ensinar as outras colegas a fazer melhor e também a vender mais, porque tudo bem feito tem mais valor” (Maria do Socorro Reis Galeno).

“Antigamente a gente fazia isso... mas agora não tem quem vai. Então eu faço essa renda e levo pra vender lá né? aí dia de reunião às vezes vai com a gente” (Maria José Costa).

“Eu nunca fui participar... (Maria Auxiliadora dos Santos Oliveira).

Diante dos relatos da rendeira Maria do Socorro Freitas, quando ainda não existia a associação, as rendas eram confeccionadas nas calçadas das casas das mesmas. A associação somente surgiu após o poder público se interessar em construir um espaço próprio, para que as mesmas pudessem se reunir e trocarem experiências, além de buscarem novas ideias e *designers* para a melhoria e o desenvolvimento profissional de cada uma.

De acordo com as palavras da Maria do Socorro Reis Galeno, os ensinamentos são delineados a partir da consciência de que as mesmas devem produzir o que há de melhor, para que possam obter uma maior lucratividade, pois, segundo relatos da mesma: “tudo bem feito tem mais valor”.

A Sra. Maria José Costa afirmou que atualmente existe um declínio com relação aos

encontros das rendeiras para compartilharem conhecimentos e experiências. Já a Sra. Maria Auxiliadora dos Santos Oliveira respondeu que nunca participou de reuniões para a troca de experiências e conhecimentos sobre a renda de bilros.

Figura 11 - Sra. Maria José Costa: rendeira da cidade de Ilha Grande-PI



Fonte: Acervo da autora

O que se pode perceber, diante desse quadro, é que dentre as rendeiras não existe uma liderança que possa conclamar as profissionais para um debate mais específico sobre o fazer da renda de bilros. Nesse estágio, faz-se necessário que se busque a interatividade e a discussão sobre assuntos implícitos, além de trazer o entendimento da importância que as mesmas têm no seio social daquela comunidade, preservando-se dessa forma a história e a memória das rendeiras. De acordo com a literatura de Veras (2014, p. 1), “a memória, como reconstrução, constitui-se em um processo identitário socialmente construído que vai sendo ressignificado através das novas gerações”.

De um modo geral, as associações comunitárias, de qualquer segmento laboral,

devem manter sempre um equilíbrio social e profissional, com pessoas líderes que possam traçar diretrizes que culminem com a melhoria das suas estruturas, além de proporcionar fazeres e saberes que possam alargar e potencializar sem conhecimentos. O fato é que os seres humanos, desde os seus primórdios buscaram associatividade entre eles. Ao se manterem em sociedade, buscaram satisfazer suas necessidades, induzindo a associação de grupos para conseguirem realizar tarefas utilizando esforços concentrados.

Além disso, os conhecimentos sobre a renda de bilros são transferidos de geração em geração para que a tradição não se decline e fique no esquecimento. Para tanto, os saberes e fazeres das rendeiras devem ser preservados e mantidos, para que as gerações futuras possam se imbricarem em busca de conhecimentos específicos sobre a renda bilros. Assim, a questão nº 3 buscou saber das rendeiras, sobre a forma de transmissão dos saberes e fazeres das mulheres rendeiras da cidade de Ilha Grande do Piauí. A seguir tem-se as respostas proferidas.

“... uma fica pedindo opinião pra outra e chega à conclusão da gente resolver o problema... todos nós vem observar, mas a gente vai levando e vai ensinando... tem rendeira que ela não quer muito assim se preocupar... botar a cabeça pra funcionar, né?” (Maria do Socorro Freitas).

“... a gente tem que transmitir né? a gente foi fazer um trabalho em Santa Catarina... como troca de saberes a gente levou o nosso trabalho pra lá... aí a gente fomos comparar o nosso trabalho com o delas... bem diferente... e elas quando viram nossas coisas ficaram encantada, né?... pra gente ver como a gente tem uma especialidade no trabalho, né? E a gente ficou muito feliz (Maria do Socorro Reis Galeno).

“... a nossa troca de conhecimentos é assim: nós temos a associação... aí quem tem tempo de ir pra lá de manhã vai, aí se reúne quatro, cinco mulher, aí trabalha... aí a gente fica analisando como é que a gente vai fazer aquele trabalho, como é que vai fazer a montagem... uma fica pedindo a opinião pra outra e chega à conclusão da gente resolver o problema (Maria José Costa).

“... a gente sabe que é um saber que se que se transforma em fazer, num é isso?... a gente ia transmitir para outras pessoas fazer e essas outra pessoa não querem fazer renda... esse pessoal mais novo não querem fazer renda porque diz que não dá dinheiro (Maria Auxiliadora dos Santos Oliveira).

Diante dos dados obtidos, de um modo geral, as rendeiras de Ilha Grande do Piauí se preocupam em repassar os seus conhecimentos para a gerações vindouras, formando, dessa forma, um vínculo familiar e profissional que lhe fomentem subsidiar os custos com materiais diversificados, além de auferir lucros para sua subsistência e perpetuar os conhecimentos acerca do fazer da renda de bilros.

Para a Sra. Maria do Socorro Freitas, durante o fazer da renda de bilros, as rendeiras interagem umas com as outras, buscando opiniões sobre o que está sendo produzido. Porém algumas não participam do mesmo processo. A mesma afirma que “tem rendeira que ela não quer muito assim se preocupar... botar a cabeça pra funcionar”.

Essa situação pode ocorrer, invariavelmente, em todas as instâncias sociais. Nem todos os membros de uma equipe coadunam com o mesmo pensamento e com a mesma vontade de trabalho de outros da equipe. Essas circunstâncias são notadas em diferentes escalas sociais e laborais e podem advir de indivíduos que possuem uma personalidade e um comportamento diferenciado e imaturo em determinadas situações.

Nesses aspectos, Montanari, et al., (2011, p. 367) posicionam-se afirmando que “à medida que a maturidade dos grupos é aumentada, pela presença de integrantes mais comprometidos e com confiança mútua, os membros das equipes mudam o comportamento alterando a forma de funcionamento do grupo e transformando-se em uma equipe”.

Os trabalhos das rendeiras de Ilha Grande ganharam novos rumos e novas abrangências. Certa feita foram convidadas para apresentarem seus trabalhos em Santa Catarina. De acordo com as palavras da Sra. Maria do Socorro Reis Galeno, “aí a gente fomos comparar o nosso trabalho com o delas... bem diferente... e elas quando viram nossas coisas ficaram encantada, né?... pra gente ver como a gente tem uma especialidade no trabalho, né? E a gente ficou muito feliz...”

É importante ressaltar que os trabalhos com rendas executados pelas rendeiras de Ilha grande, de acordo com as falas da Sra. Maria do Socorro Reis Galeno, são de excelente qualidade e beleza, tendo-se em vistas os vários elogios recebidos durante o encontro de rendeiras realizado no Estado de Santa Catarina.

De acordo com as palavras da Sra. Maria José Costa, na Associação das Rendeiras “se reúne quatro, cinco mulher, aí trabalha... aí a gente fica analisando como é que a gente vai fazer aquele trabalho, como é que vai fazer a montagem... uma fica pedindo a opinião pra outra e chega à conclusão da gente resolver o problema”.

No entanto, para conseguirem esse intento enfrentam várias dificuldades. Algumas pessoas, principalmente as mais jovens, não se propõem significativamente em querer aprender a fazer a renda de bilros. Em conformidade com a Sra. Maria Auxiliadora dos Santos Oliveira, “...esse pessoal mais novo não quer fazer renda porque diz que não dá dinheiro”. O desinteresse é latente nesse sentido. Somente quem tem amor pela profissão está interessada em dar continuidade, para que algumas jovens das gerações futuras possam manifestar o interesse pela tradição da renda de bilros de Morros da Mariana.

A pergunta nº 4 está atrelada aos subsídios de subsistência das rendeiras e de seus membros familiares. Assim, buscou-se saber se a produção da renda de bilros contribui no orçamento e sustento da família. Adiante tem-se as respostas:

“Sim, a produção da renda ela é um bom complemento familiar... tudo que vem da minha renda da minha almofada sempre é bem-vindo e é o dinheiro muito gratificante pra mim” (Maria do Socorro Freitas).

“A produção da minha renda contribui para o orçamento e sustento familiar. Com certeza... porque hoje esse meu trabalho aqui é tudo pra mim, né?... dependendo... se você é uma rendeira você não tem produção, você não tem dinheiro. Então você tem que trabalhar e produzir pra você vender pra você ter o seu dinheiro” (Maria do Socorro Reis Galeno).

“Pra mim ajuda muito, porque quando eu não tenho, vou lá e vendo né?... Aí eu pego aquele dinheiro e vou. Às vezes que não tem linha... eu compro Alfinete. Tudo isso contribui pra mim...” (Maria José Costa).

“Ajuda bastante... quando ganho algum dinheiro com a venda da renda, compro comida para botar dentro de casa e outras coisas como roupas e calçados” (Maria Auxiliadora dos Santos Oliveira).

Como é possível perceber, a lucratividade auferida pelas rendeiras, com o fazer das rendas de bilros, destina-se principalmente à subsistência familiar. Dessa forma, utilizam o resultado dos seus ganhos para a compra de comida, roupas, calçados, além da compra de materiais essenciais para fazer as rendas, tais como: linhas, bilros, alfinetes, etc. Essas situações estão intrínsecas em um estudo realizado por Bergamin (2013) quando a autora em seu trabalho intitulado: “A importância da renda de bilro na economia familiar em Florianópolis a partir de 1900 e a sua continuidade no tempo presente”, infere que:

O trabalho com a renda era necessário a essas mulheres não só como complemento para a arrecadação de dinheiro para manutenção da casa, mas muitas das vezes como fonte principal de obtenção de renda para o sustento da família. Muitas dessas mulheres eram esposas de pescadores, que passavam longas temporadas em alto mar, acabando por deixar o sustento e a chefia da família nas mãos e nos bilros dessas mulheres (BERGAMIN, 2013, p. 16).

Isso posto, o trabalho das rendeiras de Ilha Grande-PI, traduz-se como um importante subsídio de subsistência para as famílias que dependem do trabalho das mesmas, para auferir artigos de vestuário e alimentação para si e para os demais familiares. Para a Sra. Maria do Socorro Freitas, “a produção da renda ela é um bom complemento familiar”.

Nas palavras da Sra. Maria do Socorro Reis Galeno, “a produção da minha renda

contribui para o orçamento e sustento familiar... meu trabalho aqui é tudo pra mim”. Além disso, os materiais utilizados para o fazer rendas, também são subsidiados com dinheiro arrecadado pelas rendeiras. De acordo com a Sra. Maria José Costa, “às vezes que não tem linha... às vezes eu compro alfinete”.

Já para a Sra. Maria Auxiliadora dos Santos Oliveira, o dinheiro se torna muito importante, pois é utilizado, na maioria das vezes para a compra com produtos alimentícios, além de roupas e calçados para a família como um todo.

Dessa forma, percebe-se que além da contribuição das rendeiras para continuar com a tradição da renda de bilros, faz-se necessário que elas possam obter lucratividade com o seu trabalho artesanal, visando conseguir dinheiro para custear suas despesas com materiais, além de compra produtos destinados ao seu sustento e o de seus familiares.

Além dessas situações, existe a preocupação em manter a tradição do fazer renda de bilros, construída durante décadas, de geração em geração. A preservação dessas atividades é de grande importância para o artesanato e para a cidade de Ilha Grande como um todo, tendo-se em vista que às mulheres rendeiras cabe a determinação de manter a tradição da renda de bilros viva, para que as próximas gerações possam alargar e potencializar o trabalho das rendeiras. Para Veras (2014, p. 2):

A renda de bilro é uma atividade exclusivamente feminina que exige delicadeza, paciência, sensibilidade, qualidades historicamente atribuídas ao gênero feminino. Além disso, tal ofício caracterizava-se como uma prática complementar à formação educacional de parte significativa das mulheres do Morros da Mariana. Dessa forma, o ofício encontrava-se arraigado a condição natural feminina, representando importante papel na vida social e pessoal dessas mulheres.

A feminilidade inerente às atividades exercidas pelas rendeiras, torna-se latente no dia a dia da cidade de Ilha Grande do Piauí. Por ser uma atividade considerada artesanal de grande valia para as rendeiras, a delicadeza das peças exerce uma atração turística às pessoas que visitam a cidade. Muitos turistas, oriundos das mais variadas cidades ou países, se vislumbram com a perfeição, a beleza e a delicadeza das peças de artesanato produzido pelas rendeiras.

Trata-se de uma tradição que vem perpetuando a história e a memória de um povo que labora cotidianamente na criação artesanal das rendas. Nesse contexto, a questão nº 5 buscou saber das rendeiras participantes da pesquisa, se consideram a prática da renda de bilros um saber de história e memória do povo ilhagrândense. Eis as respostas:

“A gente não quer deixar perder o futuro da renda de Ilha Grande... faz parte da nossa história, faz parte da nossa memória... ela é passada de geração pra geração...” (Maria do Socorro Freitas).

“As pessoas mais novas elas não querem... é uma coisa que eu fico muito triste... já falei pra várias pessoas que daqui uns vinte, trinta anos não vai mais ter renda de bilro... Então quando a gente está passando esse conhecimento que as pessoas não estão tendo interesse de aprender, vai ficar difícil” (Maria do Socorro Reis Galeno).

“A história conta que a renda começou, acho que foi com a Mariana lá do pé do morro que fazia renda... aí alguém aprendeu e ensinou pra gente, né?” (Maria José Costa).

“Me lembro da gente ia atrás de palha de arroz lá na Ilha ali, né?... para fazer almofada... usava um pano de rede rasgada, cortava e costurava...” (Maria Auxiliadora dos Santos Oliveira).

Como é possível perceber, a continuidade do fazer renda de bilros está associada à manutenção da tradição iniciada desde os tempos mais remotos, quando a moradora Mariana dava os primeiros passos para a construção dos trabalhos naquela região. Essa tradição, de acordo com a Sra. Maria do Socorro Freitas, não pode ser dissipada pois já faz parte da história e da memória do povo ilhagrandense, sendo repassada de geração para geração. Nas palavras da rendeira Maria do Socorro Reis Galeno “daqui uns vinte, trinta anos não vai mais ter renda de bilro”.

Diante do posicionamento das rendeiras acima, é preocupante a situação da manutenção da renda de bilros nos dias atuais, muito em detrimento à falta de vontade da geração atual e das que estão por vir. Coadunando com essas assertivas Pinheiro, Vasconcelos e Carvalho (2021, p. 134), afirmam que se tornou latente a necessidade “de empreender e manter viva a tradição. O saber artesanal presente nos Morros de Mariana é expressão cultural e elemento identitário da comunidade, sendo, portanto, necessária à sua salvaguarda”.

Ainda sobre a história e memória das rendeiras de Ilha Grande, a Sra. Maria José costa informou que “a história conta que a renda começou, acho que foi com a Mariana lá do pé do morro que fazia renda... aí alguém aprendeu e ensinou pra gente, né? Como se pode perceber, as histórias das rendeiras continuam sendo contadas e recontadas demonstrando que o tempo não conseguiu apagar a memória do povo de Ilha Grande, mais especificamente das rendeiras.

As rendeiras, à época costumavam usar seus materiais provindos da Ilha Grande para fazer as almofadas. Segundo a Sra, Maria Auxiliadora dos Santos Oliveira, “me lembro da gente ia atrás de palha de arroz lá na Ilha ali, né?... para fazer almofada... usava um pano de

rede rasgada, cortava e costurava...”. É notório que a história e a memória das rendeiras estão sempre presente no dia a dia das mesmas. As histórias contadas pelas mesmas são incontestes, pois nos dias atuais ainda se constituem em um verdadeiro acervo de memórias presentes na vida dessas mulheres.

O fato é que as novas gerações que estão por vir, têm o dever de manter essa tradição viva e consolidada no seio da cidade de Ilha Grande, para que turistas do Brasil e de todo o mundo possam se deleitar com as belezas produzidas pelas rendeiras daquela cidade. É latente que o poder público e as instituições que buscam a preservação e com a continuidade das artes de um modo geral, possam buscar subsídios no sentido de manter essa tradição viva.

Sobre esses aspectos, tem-se o posicionamento de Almeida (2018) quando a autora, em sua tese de doutorado, afirma que Dona Mariana, teria iniciado a transmissão dos conhecimentos acerca do fazer renda de bilro. Tais conhecimentos continuam sendo repassados, durante o decorrer de várias gerações, resistindo até os dias atuais, dando sentido às histórias e às memórias da comunidade de Ilha Grande do Piauí.

Os saberes e fazeres que envolvem a confecção das rendas de bilros, são próprios e intransferíveis para outras manifestações culturais. Por sua tradição e importância para os artesãos, manter viva essa cultura, implica em fomentar a prática educativa das comunidades. Nesse arcabouço, a questão nº 6, buscou o entendimento de como as rendeiras de Ilha Grande fomentam a prática educativa no dia-a-dia da comunidade. As respostas estão transcritas abaixo:

“Tem várias formas de fazer com que os nossos saberes efetivamente se transformem em conhecimento... o que existe realmente é esse desinteresse por parte da geração mais nova... a renda só faz quem tem amor pela profissão. Então tem pessoas que a gente ensina porque a pessoa gosta e tem vocação de fazer. Depende também da vontade e da vocação da criatura” (Maria do Socorro Freitas).

“Eu não sabia ter passado de geração em geração... é uma história que tem que ficar na nossa ilha! E ela é muito conhecida aí a fora a Ilha Grande... pelo que eu já tenho apresentado de renda desse mundo afora com essas rendeiras...” (Maria do Socorro Reis Galeno).

“É fácil, é só arranjar almofada, os bilros, a linha e os alfinetes... eu tô aqui, para ensinar a quem quiser aprender eu ensino. vai lá pra casa das rendeiras. Todas basta querer, basta querer e chegar lá e perguntar quem é a presidente” (Maria José Costa).

“Não dá pra nada... se for comer a custas de renda more de fome... não vou fazer mais nada... custa muito e a gente tem que arrumar outra coisa melhor, mais fácil... vou deixar de fazer porque dói as costas, as pernas e a cabeça...” (Maria Auxiliadora dos Santos Oliveira).

Como se pode constatar, a geração mais velha preocupa-se com a tradição da renda de bilros. As gerações mais novas e as que estão por vir, diante das súplicas midiáticas que propagam as novas tecnologias, podem fazer com que a tradição da renda de bilros possa sofrer desinteresse por parte dos mais jovens e das próximas gerações. Além disso, nos dias atuais, a evolução tecnológica que abrange todos os segmentos dos fazeres humanos, pode influenciar e alterar a forma como a renda de bilro é confeccionada nos dias atuais. Para Pinheiro, Vasconcelos e Carvalho (2021, p. 140):

Por se tratar de um produto facilmente imitado por grandes indústrias nacionais e internacionais, em face da globalização, a arte está ameaçada de desaparecer. Outro ponto que deve ser considerado é o número reduzido de artesãs que seguem na atividade, sendo que o pouco interesse dos mais jovens em continuarem o ofício, o que ocasionará dentre outros fatores, a perda de memória da arte, do ofício e modos de saber-fazer a renda de bilro.

Essas situações, explanadas pelos autores, podem ser confirmadas mediante à arguição da Maria do Socorro Freitas ao inferir que as pessoas mais jovens não estão mais interessadas em continuar com essa tradição. O fazer renda de bilros ainda está sendo mantido por conta das rendeiras mais velhas, que utilizam a renda para subsidiar necessidades básicas e também pelo apego que existe com essa atividade.

Figura 10 - Rendeiras de Ilha Grande do Piauí exercendo suas atividades artesanais



Fonte: Acervo da autora

Porém, a renda de bilros poderia ser, de alguma forma incentivada pelo poder público, para que fosse possível manter a tradição que está enraizada desde os primeiros habitantes de Morros da Mariana. Não há necessidade de tecnologia para a aprendizagem dessa tradição. Maria José Costa se predispôs em ensinar as mais jovens. Segundo a mesma: “é só arranjar almofada, os bilros, a linha e os alfinetes... “eu tô aqui, para ensinar a quem quiser aprender”.

Dessa forma, faz-se necessário que existam mulheres interessadas em concretizar a aprendizagem da renda de bilros, além de rendeiras predispostas a ensinar o referido ofício artesanal, para que essa tradição não dissipe e, com o tempo, esteja fadada a ficar arquivada na memória da população daquele município.

Nesse sentido, a pesquisa buscou saber das rendeiras, por meio da pergunta nº 7, se existe algum projeto de incentivo para a perpetuação do fazer das rendeiras e sua manifestação de cultura intergeracional. A seguir, tem-se as respostas proferidas pelas participantes:

“Estamos tentando resgatar jovens para ensinar... estamos conciliando as coisas para ver se vai pra frente, porque a gente se preocupa... estamos tentando resgatar, mas as pessoas mais novas também não querem” (Maria do Socorro Freitas).

“Projetos já teve bastante, mas de certo tempo pra cá nunca teve... porque daqui um tempo as pessoas não querem mais, não tem interesse, até porque não tem um incentivo, não tem nada... infelizmente o interesse não tem... aí fica de fazer projeto... fica difícil tudo porque a gente não tem incentivo” (Maria do Socorro Reis Galeno).

“Não existe nenhum projeto que eu saiba... pronto, acabou-se disse logo que eu nunca vi uma rendeira rica. Então pronto” (Maria José Costa).

“Fazer renda não dá pra nada... ninguém não come às custas de renda... se for comer às custas de renda morre de fome... a gente tem que arrumar outra coisa melhor, mais fácil” (Maria Auxiliadora dos Santos Oliveira).

Diante das falas das rendeiras, pode-se notar que a renda de bilros não representa mais uma forma de subsídio para suas sobrevivências e de suas famílias. De acordo com as falas da Sra. Maria do Socorro Reis Galeno, falta incentivo, para que o fazer renda de bilro possa se manifestar de forma mais abrangente. As rendeiras Maria do Socorro Reis Galeno e Maria José Costa revelaram que não existem projetos elaborados para alavancar a produção da renda de Bilros em Ilha Grande do Piauí. Falta preocupação e interesse por parte das organizações governamentais e turísticas.

Outro agravante que pode interferir na produção e na continuidade da tradição da renda em Ilha Grande do Piauí, de acordo com a rendeira Maria do Socorro Freitas, é o desinteresse das pessoas mais jovens. Segundo ela: “estamos tentando resgatar, mas as pessoas mais novas também não querem... estamos conciliando as coisas para ver se vai pra frente, porque a gente se preocupa”.

Para a rendeira Maria José Costa, não existe nenhum projeto elaborado destinado a alavancar o fazer da renda de bilros em Ilha Grande. Segunda a mesma: “eu nunca vi uma rendeira rica”. Diante do que foi apurado, pode-se perceber que a renda de bilros de Ilha Grande do Piauí não está sendo apoiada pelos órgãos governamentais que cuidam da parte turística daquela região.

Essas situações podem ser percebidas nas falas da rendeira Maria Auxiliadora dos Santos Oliveira, quando a mesma afirma que o que se ganha fazendo renda não dá para o sustento da família. Conforme a mesma “fazer renda não dá pra nada... ninguém não come às custas de renda... se for comer às custas de renda morre de fome... a gente tem que arrumar outra coisa melhor, mais fácil.”

Como se pode perceber, as rendeiras de Ilha Grande encontram-se desestimulada com o contexto atual da renda de bilros. Diante do que foi apurado, segundo as falas das rendeiras participantes da pesquisa, as rendeiras devem buscar novas atividades laborais, pois, o fazer renda de bilros não está sendo suficiente para custear as despesas. Em conformidade com a literatura de Kanitz e Sousa (2017, p. 328):

As grandes mudanças advindas da globalização e o fluxo de visitas a que a cidade de Ilha Grande está exposta podem trazer mudanças significativas na dinâmica e no entendimento das oportunidades e ameaças que os bens culturais da localidade têm passado e podem passar no atual contexto sociocultural. Sendo assim, propõe-se também que a atividade das rendeiras seja registrada e salvaguardada, a exemplo das premissas que incorporam o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, partindo da ideia de que a salvaguarda tem como finalidade garantir a continuidade, proteção e promoção do bem registrado.

Diante das falas das rendeiras, a desmotivação, o trabalho escasso, o desinteresse dos mais jovens e a falta de incentivo do poder público, são os agravantes que podem desencadear ainda mais o enfraquecimento do fazer renda de bilros na casa das rendeiras de Ilha grande. Dessa forma, será mais difícil ouvir-se a voz das rendeiras cantando enquanto fazem a renda de bilros.

Sobre os aspectos musicais entoados pelas rendeiras, a questão nº 8 buscou saber

quais seriam as músicas ou toadas que as mesmas cantam enquanto desenvolvem as suas atividades com os bilros. Adiante tem-se as respostas.

“As músicas que sempre a gente canta é a Mulher Rendeira e as pastorinhas... agora as histórias... existe uma história que fala que a da Mariana a primeira rendeira da cidade... e também primeira moradora...” (Maria do Socorro Freitas).

“A música a gente canta aqui sempre essa de mulher rendeira... às vezes também a gente canta a música das pastorinhas...” (Maria do Socorro Reis Galeno).

“A música que a gente canta aqui sempre essa de mulher rendeira... às vezes cantamos a música das pastorinhas... mas a mulher rendeira e a nossa tradicional mesmo né?” (Maria José Costa).

“As músicas que mais se canta é Mulher rendeira” (Maria Auxiliadora dos Santos Oliveira).

As rendeiras são unânimes ao discorrer sobre as músicas que entoam durante o fazer da renda de bilros, sendo a “Mulher Rendeira” a preferida de todas, seguido das “Pastorinhas”. Em conformidade com o posicionamento das rendeiras Maria do Socorro Reis Galeno e Maria José Costa, existe um consenso com relação à escolha das músicas que são entoadas no cotidiano, durante o fazer renda de bilros na Casa das Rendeiras de Ilha Grande do Piauí.

Para a Sra. Maria do Socorro Freitas, muitas são as histórias contadas durante os trabalhos com renda, principalmente as que narram o início do Povoado de Morros da Mariana, fundado pela primeira moradora, hoje Cidade de Ilha Grande do Piauí. A participante também coaduna com as suas amigas quando profere que as músicas mais cantadas são Mulher Rendeira e As Pastorinhas. Maria Auxiliadora dos Santos Oliveira também informou que a canção mais entoada pelas rendeiras é “Mulher Rendeira”.

As cantorias das rendeiras é um atrativo à parte no ato de fazer rendas. Com esses cantos elas conseguem uma distração maior e uma certa dose de otimismo, visando um melhor futuro para o seu ofício que, na atualidade encontra-se menos valorizado pelos responsáveis, no que se refere à promoção do turismo de Ilha Grande-PI.

Faz-se necessário que as autoridades estejam imbuídas no processo de disseminar o turismo, não apenas na cidade de Ilha Grande do Piauí, mas no âmbito geral daquela região, com uma abrangência integralizada entre comunidade, rendeiras e profissionais responsáveis pela divulgação do turismo. Para Kantiz e Souza (2017).

Torna-se necessário investir em folhetos publicitários e/ou campanhas de marketing aliadas às já existentes, divulgando o trabalho das rendeiras e o centro de visitação, propondo parcerias com as secretárias de turismo das cidades vizinhas, inclusive, visto que a cidade compõe um roteiro integrado (KANTIZ; SOUZA, p. 327).

Nesses pressupostos, as ações a serem implementadas deveriam ser agilizadas com maior brevidade. É latente que as rendeiras e o turismo da Região onde as mesmas estão inseridas, estão carentes de incentivos dos governantes no sentido de apoiar e divulgar os trabalhos produzidos pelas rendeiras de Ilha Grande-PI.

Nesses aspectos, faz-se necessário a implementação de um programa de apoio e divulgação, não apenas da renda de bilros, mas do artesanato como um todo na citada região deltaica, onde se insere a Casa das Rendeiras. Consequentemente teríamos melhorias em todos os sentidos, para que essa tradição não fique no esquecimento, para que as rendeiras atuais possam passar seus conhecimentos às futuras gerações, em um futuro não muito distante. De acordo com Kanitz e Sousa (2017, p. 328), “a transmissão do saber no âmbito familiar é de extrema importância para a continuidade da prática cultural; isso porque a cultura popular se dá no cotidiano das pessoas que passam a ser detentoras do bem cultural”

Além desses aspectos, tem-se também a questão da identidade cultural de um povo que mantém viva várias tradições relacionadas aos saberes e fazeres de qualquer segmento artesanal. Essas nuances podem demonstrar de que forma pode ser considerada a identidade cultural de determinada população. Nesse sentido, a pergunta nº 9 buscou saber das rendeiras se as mesmas acreditam que compõem a identidade e expressão cultural de Ilha Grande -PI. As respostas estão transcritas abaixo:

“Eu amo a profissão porque sei fazer várias coisas. Saudades de outras coisas, mas eu me destaco na renda... é uma identificação de sermos reconhecidos a partir da nossa cultura... eu não tenho vergonha de andar com a minha almofada... pra onde quer que eu vá boto na cabeça, boto a grade aqui lá, e vou me embora é a minha identidade...” (Maria do Socorro Freitas).

“Eu considero assim que é uma expressão cultural... Eu só quero viver até eu poder mexer nesses bilros. Não existe um projeto ou um programa voltado pra arteção... O que existe é só uma carteirinha de arteção que a gente tem pra gente ter direito nas notas fiscais... desse dinheirinho a gente vive pagando as nossas despesas, né? tem a água, tem luz, tem internet... tudo a gente se vira por aqui” (Maria do Socorro Reis Galeno).

“A gente foi convidada pra ir pra São Paulo em dois mil e um... a renda nossa aqui é uma tradição, né?... futuramente mais ninguém sabe, né?... porque o jovem ele não quer aprender fazer renda de bilros...” (Maria José)

Costa).

“Imagine que tem uma peça de renda estampada no Rio de Janeiro ou em São Paulo... alguém vai dizer assim ó: essa renda é das mulheres rendeiras lá de Ilha Grande... eu posso dizer que a nossa cultura é a nossa identidade... que é o que nos identifica. É tipo uma cultura que nos identifica” (Maria Auxiliadora dos Santos Oliveira).

De acordo com as respostas proferidas pelas rendeiras participantes da presente pesquisa, pode-se entender que o fazer renda de bilros pode ser considerado um elemento que incorpora uma certa identidade no dia a dia das mesmas. Para Maria Auxiliadora dos Santos Oliveira, a cultura da renda de bilros traduz-se como uma identidade que massifica o artesanato que as mesmas fabricam com as mãos e seus instrumentos próprios, como os bilros e as almofadas, dentre outros.

A renda fabricada pelas rendeiras de Ilha Grande do Piauí já se tornou famosa em outros estados do Brasil. A identidade desses artesanatos acompanha essa tradição que se mantém viva através dos tempos. A renderia Maria José Costa declinou que as rendeiras de Ilha Grande já foram convidadas para um encontro na cidade de São Paulo no ano de 2001, para apresentarem suas peças de renda, mostrando a identidade das artesãs.

Para a Sra. Maria do Socorro Freitas, é uma identificação sermos reconhecidas a partir da nossa cultura. A rendeira Maria do Socorro Reis Galeno revelou que a renda de bilro já é considerada uma expressão cultural em sua vivência. “Eu só quero viver até eu poder mexer nesses bilros”, declinou a mesma.

Como se pode notar, as rendeiras consideram que possuem uma identidade cultural já formada, desde que passaram a fazer a renda de bilros. São raízes que afloraram desde as suas primeiras vivências familiares quando suas mães já eram rendeiras profissionais. As nuances cotidianas do artesanato, fizeram com que a renda de bilros se tornasse uma forma de aproveitar o tempo disponível para ganhar algum dinheiro que pudesse custear suas necessidades básicas. Além disso, precisam estar atentas e estruturadas para que essa tradição não caia no desuso e no esquecimento.

7 CONSIDERAÇÕES COMPLEMENTARES

Nas mais variadas instâncias sociais, busca-se compreender o porquê dos saberes e fazeres das pessoas que compõem o ciclo social de cada povo, cada cidade, cada profissão, cada comportamento ou qualquer outra variedade de saberes. A pesquisa é o instrumento que fomenta essa busca, para que se possa compreender as nuances, de qualquer espécie ou natureza social, em toda a sua plenitude.

A memória e a história são características que definem o ser humano no que tange às suas vivências cotidianas. Elas exercem influência sobre a história da sociedade e traz uma estreita relação entre o indivíduo e o coletivo. Portanto as lembranças, de momentos compartilhados com outros, seja no âmbito familiar, no trabalho, na igreja, na escola e em maior espaço de maior amplitude como no bairro, na cidade ou país, podem fazer parte da vivência e relato do indivíduo.

A memória está intrinsecamente associada aos acontecimentos passados, individuais ou coletivos, os quais fazem parte da história. Assim, faz-se necessário que se possam manter viva as tradições que identificam os espaços urbanos, as pessoas que convivem nesses espaços, além da preservação da história e da memória desses indivíduos.

A cidade de Ilha Grande do Piauí, objeto desse estudo, está localizada no extremo norte do citado Estado. Trata-se de um paraíso natural cercado por rios, lagoas e mar, de onde advém o sustento de inúmeras famílias.

A pesca artesanal é a atividade predominante neste lugar, o que justifica o expressivo número de pescadores, catadores de caranguejos e marisqueiras. O turismo traduz-se como uma das principais fontes de renda da cidade, atraindo uma conceituada gama de visitantes o ano inteiro, que se deslocam com o intento de conhecer o maior delta das américas: o Delta do Rio Parnaíba, além de buscar outras formas de turismo.

Outra atividade não menos importante, existente naquela comunidade, é a feitura artesanal da renda de bilros. O artesanato da renda de bilro já está enraizado no litoral piauiense há bastante tempo e se mantém vivo durante muitas gerações, fazendo parte do cotidiano turístico dos Morros da Mariana, sendo considerado um potencializador da cultura e do modo de vida daquela população, além de preservar a história e a memórias das rendeiras.

A cultura da renda de bilros traduz-se como um tipo de artesanato que massifica e desenvolve os aspectos culturais daquela região, criando polos turísticos que atrai um grande número de visitantes que se encantam com a beleza das verdadeiras obras artísticas

produzidas pelas rendeiras. As rendeiras são uma atração à parte naquela localidade. Muitos são os produtos artesanais fabricados pelas mãos habilidosas das mesmas, principalmente a renda de bilros, atraindo uma gama considerada de visitantes.

Assim é a representatividade cultural, influenciada pela feitura artesanal da renda de bilros na localidade Morros da Mariana-PI. São em grande número as tradições culturais que essas atividades representam para aquela comunidade. Nesses aspectos as mulheres artesãs edificam a história, as tradições e os costumes, construindo as peças com habilidade, desde a tenra idade.

Para tratar sobre a produção de renda como uma prática educativa, que se intercrusa com histórias de vida, é fundamental destacar que este processo representa uma construção coletiva, desde a confecção da almofada feita de tecido e preenchida com folhas secas de arroz, de bananeiras até os bilros feitos de tucuns e talos de buriti, palmeira típica das matas dos cocais.

A história e memória das mulheres que lidam com a renda de bilro na cidade de Ilha Grande-PI, em particular, torna-se uma imperiosa temática, por declinar um estudo que, aparentemente, não é comum no meio acadêmico, em se tratando de particularidade de gênero. Nesse arcabouço, e aqui se enquadra uma temática não muito recente, tratando-se de uma pesquisa onde os participantes denotarão suas memórias femininas, acerca dos trabalhos com a renda de bilros.

Isso posto, o objetivo do presente estudo foi interpretar aspectos da história e memória das mulheres artesãs de Ilha Grande-PI, no que tange à cultura de renda de bilro como prática educativa intergeracional.

Para a construção dos resultados e discussão desse estudo, foram elencadas quatro rendeiras que laboram na casa das rendeiras de Ilha Grande, onde as mesmas constroem suas rendas de forma artesanal, utilizando seus equipamentos específicos.

A história oral tem aberto possibilidade a outras pessoas, além do historiador discutir o processo de construção do sujeito na sua constituição histórica, na sua história de vida. Por meio dessa metodologia tem se democratizado o ofício do historiador, onde o povo pode escrever sua própria história.

Para obter-se os resultados da pesquisa, de forma dinâmica, foram selecionadas quatro rendeiras de bilros da cidade de Ilha Grande do Piauí, utilizando-se da história oral como metodologia de pesquisa. Os relatos orais podem apontar peculiaridades enfáticas da feminilidade das participantes. Isso posto, os relatos orais podem oferecer ao pesquisador uma grande diversidade de informações, constituindo-se em técnicas precursoras, acerca

da obtenção de informações sobre determinada circunstância histórica.

Para o delineamento desse trabalho, foram utilizados instrumentos específicos para compor o aparato, visando a edificação referentes aos assuntos das temáticas aqui abordadas ao longo da construção desse trabalho. Nesse arcabouço, foi elaborado um questionário contendo dez questões abertas, com variados assuntos referentes à sua profissão de rendeira, os instrumentos utilizados, suas dificuldades cotidianas, no que tange a manutenção da feitura das rendas, seus anseios, suas alegrias, suas histórias de vida, suas memórias durante esse percurso.

Isso posto, foram abordados uma gama variada de assuntos que contribuiu de forma massificada para a construção do presente estudo e, assim, buscar-se respostas para as questões norteadoras desse trabalho. As respostas das participantes foram colhidas por meio de um aplicativo de celular (gravador de voz). As memórias e histórias das participantes subsidiaram a temática enfocada durante esse processo.

Os resultados da pesquisa mostraram que a renda de bilros na cidade de Ilha Grande tornou-se famosa por suas feituas artesanais, alcançando vários patamares fora daquela cidade. Muitos foram as personagens famosas que buscaram a renda de bilros das rendeiras de Ilha Grande do Piauí, como forma enaltecer a moda no Brasil.

Mostrou também que os trabalhos com renda de bilros vêm sofrendo, com o passar do tempo, desinteresse por parte das novas gerações. Os apelos midiáticos, a grande quantidade de jogos eletrônicos, os atrativos propagados pelo aparelho de celular, são os principais causadores do desinteresse por parte dos mais jovens. Os jovens buscam novas vivências laborais que não exigem trabalhos manuais como a renda de bilros.

A propositura desse trabalho foi demonstrar sobre a interpretação dos aspectos da história e memória das mulheres rendeiras de Ilha Grande-PI, enquanto sujeitos inseridos na feitura artesanal da renda de bilros.

Porém as informações aqui delineadas não têm a pretensão de encerrar as discussões acerca da memória e dos saberes e fazeres das rendeiras de Ilha Grande-PI. Assim, outras pesquisas poderão ser construídas no sentido de buscar informações mais detalhadas e atualizadas, para que se possa aprofundar e potencializar o que se discute no dia-a-dia, sobre os assuntos aqui abordados.

Assim, ao finalizar a pesquisa de campo, utilizando-se a metodologia da história oral, junto às rendeiras participantes, percebi o quão é importante preservar-se a história e a memória das rendeiras de Ilha Grande do Piauí. Essa cultura artesanal não pode e não deve cair no desuso e no esquecimento.

Faz-se necessário que o poder público e as instituições que lidam com o turismo no Piauí, busquem subsídios que possam manter viva essa tradição, a qual está precisando urgente de auxílio, para que as futuras gerações possam apreciar esse trabalho tão bonito e tão importante para o artesanato piauiense.

Esse trabalho abordou variados assuntos referentes à pesquisa de campo aqui delineada, propondo um entendimento mais apurado acerca das vivências, das histórias e das memórias das participantes, dentro do contexto social em que estão inseridas. O fato é que, se faz necessário que as rendeiras de Ilha Grande do Piauí possam continuar mantendo viva a tradição do fazer renda de bilros. Devem se posicionar firmemente para que a construção da identidade cultural possa estar presente nas gerações futuras.

Face ao que foi abordado nesse estudo, os objetivos da pesquisa foram alcançados, partindo-se dos pressupostos de que as informações aqui contidas serão de grande relevância para outras futuras abordagens bibliográficas, para que outros acadêmicos possam necessitar discorrer sobre a temática aqui explanada.

Com isso, pode-se preservar e perpetuar o passado, para que os fatos ocorridos sejam mantidos vivos na memória das populações. Dessa forma, a história dos acontecimentos passados se mantém preservada durante um período de tempo indeterminado e estão diretamente ligadas aos aspectos naturais e históricos desta cidade.

REFERÊNCIAS

- ALBANI, M. M. **Concepção de um artefato conceitual para a preservação da renda irlandesa com base na Gestão do Conhecimento**. 2020. 168 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Design de Vestuário e Moda, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2ZIFmde>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- ALBERTI, V. **História dentro da história**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). Fontes históricas. 3 a ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.
- ALMEIDA, A. C. de C. **A vida das rendas de bilros em Ilha Grande, Piauí**. 2018. 325f. Tese de doutorado. (Universidade Estadual de Campinas). 2018. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1063831>. Acessado em: 02 jan. 2024.
- ALMEIDA, R. dos S. **A terra das rendas de bilro: tradição, artesanato, economia e cultura em São Sebastião-AL**. 2020. 114f. Monografia (Universidade Federal de Alagoas – UFAL). 2020. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/10432/1/A%20terra%20das%20rendas%20de%20Bilro%20-%20tradi%C3%A7%C3%A3o%20artesanato%20e%20economia%20e%20cultura%20em%20S%C3%A3o%20Sebasti%C3%A3o-AL.pdf>. Acessado em: 10 mar. 2024.
- _____, R. dos S. Tradição, artesanato e circuito inferior da economia urbana na terra das rendas de bilro. **Geosaberes**, v. 14, p. 116-129, Fortaleza-CE, 2023. Disponível em: <https://openurl.ebsco.com/EPDB%3Aagcd%3A1%3A19267505/detailv2?sid=ebsco%3Aplink%3Ascholar&id=ebsco%3Aagcd%3A174936288&crl=c>. Acessado em: 01 abr. 2024.
- ANDRADE, M. de. **Introdução à metodologia científica: elaboração de trabalhos na graduação**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- ASSUMPÇÃO, J. L. da; CAPARICA, V. C. A ‘tradição’ da renda de bilro e sua continuação para futuras gerações na Ponta do Sambaqui: dificuldades e iniciativas. **Revista Santa Catarina em História – Florianópolis – UFSC – Brasil**. v. 10, n. 1, 2016. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/sceh/article/view/1498/1032>. Acessado em: 03 jan. 2024.
- BACKES, A. P. **A preservação da história e da memória de um povo sob a ótica das relações públicas: estudo de caso do festival internacional de folclore de Nova Petrópolis**. 2017. 117f. Monografia. (Bacharelado em Comunicação Social), Caxias do Sul, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/11483/TCC%20Ana%20Paula%200Backes.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acessado em 14 jun. 2023.
- BARROS, J. D’A. A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 25-14, 2005.
- BERGAMIN, C. A importância da renda de bilro na economia familiar em Florianópolis a partir de 1900 e a sua continuidade no tempo presente. **Revista Santa Catarina em História**,

v. 7, n. 1, Florianópolis-UFSC, 2013. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/834>. Acessado em: 02 out. 2024.

BORGES, A. **Design + Artesanato** – O caminho brasileiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

BRAGA, S. I. G. Festas religiosas e populares na Amazônia: algumas considerações sobre cultura popular. In: BRAGA, Sérgio Ivan Gil (Org.) **Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades**. Manaus-AM: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

BRANDELLI, L. **Teoria geral do direito notarial**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

BRUSSI, J. D. E. Fazendo renda em casa e ‘no curso’: aprendizagem na prática.

Equatorial, Natal, v. 6, n. 10, 2019. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/15334/12176>. Acessado em: 10 jan. 2024.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (Org.). (Trad.) Magda Lopes. **A Escrita da História: novas perspectivas**. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 07-38.

CALAZANS, D. R. N. de S.; COLLARES, I. Z.; RIBEIRO, M. T. de S. **A valorização do conhecimento tradicional na busca do desenvolvimento sustentável: um estudo sobre a casa das rendeiras de bilro no delta do Parnaíba**. 2020. Disponível em: <ROSELI%2017022024/Avalorizaodoconhecimentotradicional-rendeirasdebilro.pdf>. Acessado em: 12 mar. 2024.

CALDAS, F. **Artesãos de Maragogipinho e Saubara vão buscar selo de qualidade para seus produtos com apoio da UFBA e governo estadual**. 2018. Disponível em: <https://www.edgardigital.ufba.br/?p=2061>. Acessado em: 10 mar. 2024.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4 ed. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011. (Ensaio Latino-americanos, 1).

CARVALHO, R. de C. P. de.; CURY, M. J. F. **Identidade e valorização cultural: a renda de bilros de Morros da Mariana, Ilha Grande - Piauí**. 2020. Disponível em: Disponível em: <http://dx.doi.org/10.29327/coninter2020.296747>. Acessado em: 05 mar. 2024.

CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. de C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Olhares geográficos: modo de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CATELLANI, R. M. **Moda Ilustrada de A a Z**. Barueri, SP: Manole, 2003.

CESARINO, Frederico. **A arte de pesquisar: epistemologia e metodologia das ciências sociais nas visões de Émile Durkheim e Max Weber**. 2011. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-arte-de-pesquisar-epistemologia-e-metodologia-das-ciencias-sociais-nas-visoes-de-emile-durkheim-e-max-weber/70747/>. Acessado em: 21

nov. 2019.

COELHO, P. P. **Design de superfície**: O desenvolvimento de rendas inspiradas no São João, com foco na renda de bilro. 2019. 135f. Monografia. (Universidade Federal do Maranhão). Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/6507>. 2019. Acessado em 03 dez. 2023. Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020. de nada esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história oral. Bolema.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

FERREIRA, M. de M. História, tempo presente e história oral. **Topoi**, p. 314-332, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/fpGyHz8dRnk56XjcFGs736F/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 06 maio 2023.

FREITAS JUNIOR, M. A. de.; PERUCELLI, T. Cultura e identidade: compreendendo o processo de construção/desconstrução do conceito de identidade cultural. **Cadernos de estudos culturais**. v. 2, p. 111-133, Campo Grande- MS, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9712/7207>. Acessado em: 05 mar. 2024.

FUZZI, L. **O que é a Pesquisa de Campo?** 2010. Disponível em: <http://profludfuzzimetodologia.blogspot.com.br/2010/03/o-quee-pesquisa-de-campo.html>. > acessado em: 29 dez. 2020.

GARNICA, A. V. M; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. Entre a amnésia e a vontade

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2010.

GIRÃO, V. C. **Renda de bilros**. 2013. Disponível em: https://issuu.com/belrocha/docs/rendas_de_bilros_layout. Acessado em: 23 dez. 2023.

GOHN, M. da G. Educação Não-formal: Um novo campo de atuação. In: **Ensaio: Avaliação, políticas públicas em educação**. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, v. 6, n. 21, p. 441-560, 1998.

_____, M. da G. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

_____, M. da G. **Educação não formal e o Educador Social**: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.

GOMES, A. de C. Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004.

GONÇALVES, G. da S. G. **A cavalhada de Santo Amaro**: uma cultura viva na baixada campista. 2011. 152 p. Dissertação (Universidade Estadual do Norte Fluminense) 2011. Disponível em: <https://uenf.br/posgraduacao/politicas-sociais/wp-content/uploads/sites/11/2015/06/GISELE-DA-SILVA-GON%C3%87ALVES.pdf>. Acessado em: 10 mar. 2024.

GUERRA, E. L. de A. **Manual de Pesquisa Qualitativa**. 2014. Disponível em: http://disciplinas.nucleoad.com.br/pdf/anima_tcc/gerais/manuais/manual_quali.pdf. Acessado em: 29 set. 2019.

HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Editora, Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População de Parnaíba-PI**. 2022. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=220770>. Acessado em: 18 out. 2019.

KANITZ, H. G.; SOUSA, G. de V. e. O uso das rendas de bilros como elemento da identidade cultural para fomentar o turismo em Ilha Grande, Piauí, Brasil. **International Journal of Scientific Management and Tourism**. v. 3, n. 3, p. 313-332. 2017. Disponível em: <https://ojs.scientificmanagementjournal.com/ojs/index.php/smj/article/view/262/261>. Acessado em: 05 mar. 2024.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Técnicas de Pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 2012.

LARAIA, R. B. **Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 23 ed, 2009.

LEAHY, R. C. Tradição e inventividade na moda: a ressignificação da renda de bilros na criação dialógica de Márcia Ganem. **CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade**. 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/download/65426918/3126_11585_3_PB.pdf#page=100. Acessado em: 08 mar. 2024.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**: Coleção Magistério 2º Grau/ Série Formação de Professor. São Paulo: Cortez, 2013.

LUZ, G. A. da. **De artesanato a tradição**: a preservação da prática da Renda de Bilro na Ilha de Santa Catarina. 2016. 125f. Trabalho de Conclusão do Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. 2016. Disponível em: https://floripaearendadebilro.paginas.ufsc.br/files/2019/09/TCC_geovana_alves_final-1.pdf. Acessado em: 03 jan. 2024.

MARANDINO, Martha; SELLES, Sandra Escovedo; FERREIRA, Marcia Serra. **Ensino de Biologia**: histórias e práticas em diferentes espaços educativos. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção Docência em Formação. Série Ensino Médio).

MATOS, J. S.; SENNA, A. K. de. História oral como fonte: problemas e métodos. **Históriae**, 2 (1): 95-108, Rio Grande, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/viewFile/2395/1286>. Acessado em: 03 mai. 2023.

MATSUSAKI, B. do C. **Trajectoria de uma tradição**: renda de bilros e seus enredos. 2016. 145 f. Dissertação (Mestrado) — Curso de Pós-Graduação em Têxtil e Moda,

Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3slOosz>. Acesso em: 05 mar. 2024.

MEDEIROS, C. P. **Memória, tradição e patrimônio cultural: o saber fazer da renda de bilros na Prainha/CE.** 2023. Disponível em: <https://repositorio.utad.pt/entities/publication/d86f9387-cc41-4d08-a77c-46abd71e8057>. Acessado em: 12 mar. 2024.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MICHAEL, M. H. **Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais.** Campinas: Atlas, 2005.

MONTANARI, R. L.; PILATTI, L. A.; LIMA, I. A. de; ROMANO, C. A. A maturidade e o desempenho das equipes no ambiente produtivo. **Gest. Prod.**, v. 18, n. 2, p. 367-378. São Carlos-SP, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gp/a/34nRMycmx95zSBNxFZvsQmx/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 06 out. 2024.

MORAES, E. et al. **Cartilha me ensina a fazer renda: princípios básicos da renda de bilros: histórico, elementos da renda, como fazer técnica básica, pontos básicos da renda.** 1. ed. Florianópolis: HB Editora, 2015. Disponível em: https://issuu.com/projetomeensinaafazerrenda/docs/cartilha_me_ensina_a_fazer_renda. Acesso em: 01 abr. 2024.

PAULINO, S. F. Ensino-aprendizagem da renda renascença como processo de inclusão socioeconômica em Poção-PE. **Dobras.** n. 33, 2021. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/1439>. Acessado em: 08 jan. 2024. PEREIRA, Mauricio Gomes. A seção de discussão de um artigo científico. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, 22(3):537-538, jul-set 2013.

PINHEIRO, Á. P.; VASCONCELOS, M. M.; CARVALHO, R. de C. M. Inventário participativo das rendas de bilro dos Morros da Mariana. Piauí. Brasil. **História. Rio Grande**, v. 12, n. 1, p. 129-150. 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/12746/8829>. Acessado em 14 mar. 2021.

PORTELLI, A. **Tentando aprender um pouquinho: Algumas reflexões sobre a ética na História Oral.** São Paulo, Abr, 1997.

POZENATO, K. M. M.; GIRON, L. S.; LEBRETON, M. **Interfaces: cultura, comunicação e turismo.** Caxias do Sul, RS: Educs, 2009.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Freevale, 2013.

REIS, P. S. L.; COSTA, A. M. Renda-se às tramas da renda. **Caderno de projeto em design de moda.** v. 3, n. 1, 2020. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/designdemoda/article/viewFile/2608/1718>.

Acessado em: 29 mar. 2024.

_____, P. S. L.; COSTA, A. M. **Renda-se às tramas da renda**. Trabalho de Conclusão de Curso. 2018. 15f. (Centro Universitário UniAcademia). Juiz de Fora- MG. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/designdemoda/article/viewFile/2608/1718>. Acessado em 02 jan. 2024.

RIBEIRO, A. P. G., BARBOSA, M. C. “Combates” por uma história da mídia e do jornalismo no Brasil. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Curitiba-PR, 2009. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1508.pdf>. Acessado em: 21 maio 2023.

RODRIGUES, J. E. R.; MIRANDA, M, P. de S. (org.). **Estudos de Direito do Patrimônio Cultural. Belo Horizonte**: Fórum, 2012. p. 90-109. Disponível em: <https://bit.ly/3sfAqbM>. Acesso em: 03 dez. 2020.

RODRIGUES, S. V. **Rendas e bordados**: História e Aplicações. 2020. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso (Faculdade de Tecnologia de Americana “Ministro Ralph Biasi”). Americana, S. P., 2020. Disponível em: https://ric.cps.sp.gov.br/bitstream/123456789/10272/1/20202S_RODRIGUESShofiaVieira_OD1039.pdf. Acessado em: 02 jan 2024.

SANTOS, S. C. dos; MARTINS, M. F; PIÑOL, S. N. T. Renda de bilro: tradição por um fio. **FEPEX**. 2021. Disponível em: <https://publicacoes.ifc.edu.br/index.php/fepexsfs/article/view/2354/1816>. Acessado em: 10 mar. 2024.

SEBRAE. Centro de Referência do Artesanato Brasileiro. **A potência do objeto**. Brasília, 2014.

SILVA, G. J. **Rendas que se tecem, vidas que se cruzam**: tramas e vivências das rendeiras de Renascença do município de Pesqueira-PE. 2013. 212f. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em História) - Universidade Federal de Pernambuco, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11359>. Acessado em: 01 abr. 2023.

SILVA, J. K. B. da; MOURA FILHO, J. B. Trocados e bater de bilros: histórias de vida de rendeiras em Canaan. **Tessituras**. v. 10. n. 2. Pelotas-RS, 2022. Trocados e bater de bilros: histórias de vida de rendeiras em Canaã. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/4888/4197>. Acessado em: 01 abr. 2024.

SILVA, V. L. F. da.; PERRY, G. T. **Renda de Bilros**: estudo de pontos tecidos nas regiões Nordeste e Sul do Brasil. *Moda Palavra*. v. 11, n. 21, p. 126-146, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5140/514055845008/html/>. Acessado em: 29 mar. 2024.

SILVEIRA, E. da S. História Oral e Memória: pensando o perfil do historiador etnográfico. **Métis: História e Cultura**, v. 6, nº 12, p. 35-44. Jul./dez. 2007. Disponível em:

http://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1524003175_ARQUIVO_TEC ENDOANARRATIVADAHISTORIAORALEMCOMUNIDADEQUILOMBOLA.pdf. Acessado em: 15 maio 2023.

TAVEIRA, V. O resgate da renda de bilro na Barra do Jucu, **Portal Século Diário**, 2021. Disponível em: <https://www.seculodiario.com.br/cultura/o-resgate-da-renda-de-bilro-na-barra-do-jucu>. Acessado em: 05 jan. 2024.

TOURINHO, N. da C. **Rendeiras de Saubara e práticas pedagógicas da EJA: um estudo de caso**. 2023. 19f. Trabalho de conclusão de curso. (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB). Subara-BA. 2023. Disponível em: https://www.repositorio.unilab.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/3551/2023_arti_nataliatourinho.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acessado em: 05 jan. 2024.

VERAS, A. S. do N. O ofício da renda de bilro: memória e gênero. **História, Memória e Oralidades: II Encontro Internacional História, Memória, Culturas e Oralidade**. 2014. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/31174/1/2014_eve_asnveras.pdf. Acessado em 03 out. 2024.

VERGARA, S. V. **Projetos e Relatórios de Pesquisas em Administração**. 15 ed, São Paulo: Editora Atlas S.A., 2014.

VIEIRA, V.; BIANCONI, M. L.; DIAS, M. Espaços não-formais de ensino e o currículo de ciências. **Ciência e Cultura**, São Paulo, n. 4, Oct./Dec. 2005.

YIN, R. K. **Resenha livre**. Porto Alegre: Bookman, 2, 2005.

APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Entrevista aberta: mulheres rendeiras de Ilha Grande-PI

1. Dados pessoais:
 - Nome:
 - Idade:
 - Formação:
 - Tempo que trabalha com renda de bilros:
2. Como surgiu o interesse pela prática da renda de bilros?
3. Onde e como vocês se organizam para partilhar conhecimento sobre essa cultura?
4. Comente sobre a forma de transmissão dos saberes e fazeres das mulheres rendeiras na cidade de Ilha Grande _PI
5. A produção da renda de bilros contribui no orçamento e sustento familiar?
6. A senhora considera a prática da renda de bilros um saber de história e memória do povo ilhagrandense?
7. Como a cultura da renda de bilros se traduz em prática educativa no seu dia-a-dia?
8. Há algum projeto de incentivo para a perpetuação do fazer das rendeiras e sua manifestação de cultura intergeracional?
9. Quais músicas e histórias vocês costumam cantar e narrar durante a produção das peças de renda?
10. As rendeiras compõem a identidade e expressão cultural de Ilha Grande-PI

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PARA A RENDEIRA DE ILHA GRANDE DO PIAUÍ

Prezada artesã/rendeira,

Estamos realizando uma pesquisa intitulada **Mãos que falam, fios que educam: história e memória da cultura da renda de bilro em Ilha Grande do Piauí.**

A referida investigação objetiva analisar o cotidiano das mulheres rendeiras na cidade de Ilha Grande-PI na perspectiva de destacar os seus saberes e fazeres a ser conhecidos por meio da memória e história dessas artesãs.

A realização desta pesquisa poderá contribuir para a análise da história e memória das mulheres rendeiras que se traduzem em saberes e fazeres a partir de uma prática educativa vivenciada fora do contexto escolar. Este trabalho estará à disposição dos profissionais e discentes em âmbito acadêmico, às intuições escolares e à sociedade em geral.

Para atingir o objetivo proposto, a pesquisa incluirá, em sua metodologia, a escuta de artesãs que trabalham com a produção da renda de bilros na associação das rendeiras dos Morros da Mariana situada na cidade de Ilha Grande-PI, elas serão estimuladas a narrar suas histórias de vida, por meio de entrevistas individuais.

Com essas informações, gostaríamos de solicitar a sua autorização para que seja possível realizar as observações, gravações e fotos durante a sua participação nos momentos de entrevistas. Caso aceite, por gentileza, assine esse documento que possui duas vias: uma ficará com a senhora e a outra com os pesquisadores.

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFC encontra-se disponível para reclamações pertinentes à pesquisa pelo telefone (85) 3366-8344.

Fortaleza, ____ de _____ de 2024.

Nome da rendeira: _____

Assinatura da rendeira: _____